

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DA
EDUCAÇÃO**

**ERASMO DE ROTTERDAM: A EDUCAÇÃO IDEAL PARA A
FORMAÇÃO DO HOMEM DO SÉCULO XVI**

SILVIA REGINA FABRIL PEDRONE

**MARINGÁ
2023**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DA EDUCAÇÃO**

**ERASMO DE ROTTERDAM: A EDUCAÇÃO IDEAL PARA A FORMAÇÃO DO
HOMEM DO SÉCULO XVI**

Dissertação apresentada por SILVIA REGINA FABRIL PEDRONE, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: História e Historiografia da Educação.

Orientadora:

Prof^a Dr^a: Conceição Solange Bution Perin

MARINGÁ
2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

P372e

Pedrone, Silvia Regina Fabril

Erasmus de Rotterdam : a educação ideal para a formação do homem do século XVI /
Silvia Regina Fabril Pedrone. -- Maringá, PR, 2023.
81 f.

Orientadora: Profa. Dra. Conceição Solange Bution Perin.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências
Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2023.

1. Rotterdam, Erasmo de, 1466?-1536. 2. Educação. 3. Formação humana. 4.
Educação humanista. I. Perin, Conceição Solange Bution, orient. II. Universidade Estadual
de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação
em Educação. III. Título.

CDD 23.ed. 370.112

SILVIA REGINA FABRIL PEDRONE

**ERASMO DE ROTTERDAM: A EDUCAÇÃO IDEAL PARA A FORMAÇÃO DO
HOMEM DO SÉCULO XVI**

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Conceição Solange Bution Perin (Orientador) – UEM

Prof. Dr. Ricardo Tadeu Caires Silva - UNESPAR - Paranavaí

Profª Drª Meire Aparecida Lóde Nunes - UEM

Profª Drª Cássia Regina Dias Pereira -UNESPAR

Data de Aprovação
28/06/2023

Dedico este trabalho
aos meus pais
Claudina e Sergio (*In Memoriam*) por me mostrarem
o quanto o conhecimento
é poderoso e libertador.

À família que eu escolhi:
Eugenio, o amor da minha vida.
Lucas e Gabriel, os melhores filhos
Que Deus me poderia conceder.

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, por sua infinita bondade, pela dádiva da vida e por me permitir realizar esse sonho.

À **minha família**, pelo incentivo, por acreditarem em mim e por não medirem esforços em meu favor. Em especial, à minha querida mãe, **Claudina Poppi Fabril**, por todo apoio, cuidado e amor, para que eu pudesse concluir mais uma etapa da vida profissional.

À família que escolhi: **Eugenio Carlos Pedrone**, meu companheiro de vida, agradeço por todo o apoio, incentivo, paciência, respeito, compreensão e sobretudo por tanto amor, percebido em cada ausência necessária. **Lucas Fabril Pedrone** e **Gabriel Fabril Pedrone**, filhos amados, obrigada por sempre acreditarem na minha capacidade e me apoiarem nos momentos de dificuldades e de ausências ao longo desses dois anos. À vocês, todo o meu amor.

À minha orientadora, **Conceição Solange Bution Perin**, pelo compromisso, competência e amor com que orientou esta dissertação, pela imensa disponibilidade, por me incentivar e acreditar, antes de mim, que eu seria capaz e por ter colaborado para meu crescimento profissional e, sobretudo, pessoal.

Agradeço a gentileza do Prof. Dr. Ricardo Tadeu Caires Silva, da Prof^a Dr^a Meire Aparecida Lôde, da Prof.^a Dr.^a Cassia Regina Dias Pereira por aceitarem o convite para participar da etapa de qualificação e defesa e pelas preciosas contribuições com a pesquisa.

À Eliete Vicentin Filipini, aluna das primeiras letras, amiga, irmã do coração, companheira de trabalho e de valiosos debates que serviram de motivação e enriquecimento para que eu chegasse a esse tão sonhado momento.

À Tatiane Graciele Caetano Campos, amiga que o mestrado me apresentou, por todo o incentivo, paciência, apoio e parceria no desenvolvimento da pesquisa

Gratidão à professora Me. Vera Lúcia Granzotti Baule, pela disponibilidade em ler e corrigir este trabalho.

Aos colegas de trabalho da Escola Estadual Honório Fagan, especialmente à direção pelo apoio, companheirismo e ajuda nesse árduo percurso acadêmico.

“O amor recíproco entre quem aprende e quem ensina é o primeiro e mais importante degrau para se chegar ao conhecimento”.

(Erasmus de Rotterdam).

PEDRONE, Silvia Regina Fabril. **ERASMO DE ROTTERDAM: A EDUCAÇÃO IDEAL PARA A FORMAÇÃO DO HOMEM DO SÉCULO XVI**. 80 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientador: Conceição Solange Bution Perin. Maringá, 2023.

RESUMO

O Humanismo, movimento que surgiu inicialmente na Itália e depois se difundiu pela Europa, ao final do século XV, trouxe novas ideias e concepções em diversas áreas do conhecimento humano e, dentre elas, a educação. O movimento humanista criticava a abordagem escolástica na forma de ensino, considerada por eles limitada e defendiam a importância da literatura, da história e da retórica, pois entendiam que esse modelo não dava mais conta das necessidades apresentadas por um novo tempo. Nesse período, destacaram-se as concepções do teólogo agostiniano Erasmo de Rotterdam (1466?-1536) acerca da educação das crianças que, em suas obras *De Pueris (1529)* e *Civilidade Pueril (1530)*, evidenciava a importância da educação desde o início da vida do aprendiz, para instruí-lo no caminho da razão e da temperança. Datadas de mais de cinco séculos do nosso tempo atual, poderíamos questionar: o que um manual de ensino e boas maneiras do século XVI pode nos ensinar? E mais, quais são as reflexões que Erasmo propõe quando se refere à importância da educação para a formação da criança? Quais conceitos de boas maneiras e de civilidade no século XVI defendidos por Erasmo ainda são válidos no cenário educacional atual? Em busca de resposta aos questionamentos, esta pesquisa de mestrado tem como objetivo principal investigar a concepção pedagógica presente na proposta educacional de Erasmo de Rotterdam, na transição do século XV para o XVI. As fontes utilizadas foram as obras *De Pueris* e *Civilidade Pueril*, tratando-se portanto, de uma pesquisa teórica de cunho bibliográfico e de caráter acadêmico-científica, por se tratar de um trabalho acadêmico resultante de um processo de ensino e aprendizagem e que cumpre os métodos de pesquisa científicos. Concluímos que Erasmo de Rotterdam foi o intelectual que exprimiu o desejo educativo humanista de formar o homem moderno, civilizado, preparado para viver na nova sociedade que alvorecia. Ele acreditava que formar um novo homem para uma nova sociedade exigia uma educação ideal, preocupada com o cuidado das crianças, e que as preparasse para conviver na sociedade aprendendo a adequar seus modos de agir e a controlar seus impulsos primitivos mostrando urbanidade e polidez em suas relações, o que não era comum para aquele período porém era o resultado coerente e natural do pensamento Humanista, que buscava o aperfeiçoamento humano, e assim, as concepções de educação e pedagogia presentes nas suas obras educativas contribuíram de forma decisiva para os novos modos de ensino e as novas formas de aprendizagem.

Palavras-chave: Erasmo de Rotterdam; Educação; Formação Humana.

PEDRONE, Silvia Regina Fabril. **Erasmus of Rotterdam: The ideal education for the formation of the man of the 16th century**. 81 f. Dissertation (Master in Education) - State University of Maringá. Advisor: Conceição Solange Bution Perin. Maringá, 2023.

ABSTRACT

Humanism, a movement that initially emerged in Italy and then spread across Europe at the end of the 15th century, brought new ideas and concepts in various areas of human knowledge, including education. The humanist movement criticized the scholastic approach in the form of teaching, considered by them to be limited, and defended the importance of literature, history, and rhetoric, as they understood that this model no longer met the needs presented by a new era. During this period, the conceptions of the Augustinian theologian Erasmus of Rotterdam (1466?-1536) about the education of children stood out, who, in his works *De Pueris* (1529) and *Civilidade Pueril* (1530), highlighted the importance of education from the beginning of the apprentice's life, to instruct him in the way of reason and temperance. Dated more than five centuries from our current time, we could ask: what can a 16th century teaching and good manners manual teach us? And more, what are the reflections that Erasmo proposes when referring to the importance of education for the formation of the child? What concepts of good manners and civility in the 16th century defended by Erasmus are still valid in the current educational scenario? In search of an answer to the questions, this master's research has as its main objective to investigate the pedagogical conception present in the educational proposal of Erasmus of Rotterdam, in the transition from the 15th to the 16th century. The sources used were the works *De Pueris* and *Civilidade Pueril*, thus being a theoretical research of a bibliographic nature and of an academic-scientific nature, as it is an academic work resulting from a teaching and learning process and that fulfills the scientific research methods. We conclude that Erasmus of Rotterdam was the intellectual who expressed the humanist educational desire to form the modern, civilized man, prepared to live in the new society that he dawned. He believed that forming a new man for a new society demanded an ideal education, concerned with the care of children, and that prepared them to live in society by learning to adapt their ways of acting and to control their primitive impulses, showing urbanity and politeness in their actions. relations, which was not common for that period, but was the coherent and natural result of Humanist thought, which sought human improvement, and thus, the concepts of education and pedagogy present in their educational works contributed decisively to the new ways of teaching and new forms of learning.

Keywords: Erasmus of Rotterdam; Education; Human Formation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa dos Países Baixos no século XV.....	16
--	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 ERASMO DE ROTTERDAM: CONTEXTO HISTÓRICO E BIOGRAFIA	14
3 O CONTEXTO EDUCACIONAL NO SÉCULO XVI	35
3.1 O RENASCIMENTO	35
3.2 HUMANISMO NO RENASCIMENTO	42
3.3 A EDUCAÇÃO HUMANISTA.....	49
4 A RENOVAÇÃO PEDAGÓGICA HUMANISTA.....	56
4.1 OS PAIS: PRIMEIROS RESPONSÁVEIS PELA EDUCAÇÃO.....	63
4.2 O PEDAGOGO: ELEMENTO PRIMORDIAL DA EDUCAÇÃO.....	66
4.3 <i>DE CIVILITATE MORUM PUERILIUM</i> : A PEDAGOGIA DAS BOAS MANEIRAS	70
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS.....	78

1 INTRODUÇÃO

Ao final do século XIV, a Europa atravessava um período de grandes transformações sociais, econômica, políticas e sociais. Paralelamente ao progresso material iniciou-se um progresso espiritual, artístico, científico, literário, cultural e filosófico e, nesse contexto, por volta do início do século XV, aparece o Humanismo, primeiro na Itália e depois acaba se espalhando pela Europa.

O movimento humanista, em seu sentido amplo, valorizava a condição humana, os atributos e as realizações do ser humano. Ao contestar a hierarquia e a ordem que vigorava no mundo medieval, no qual o homem ocupava lugar de menor destaque, os humanistas colocavam em evidência a dignidade do homem, sua liberdade em relação à natureza e à sociedade. O interesse voltava-se para o homem e para sua capacidade de atuar sobre o mundo.

Outra característica do Humanismo Renascentista foi a oposição ao saber que se difundia na vida intelectual, principalmente nas universidades, por meio da escolástica. O movimento humanista criticava essa abordagem na forma de ensino, considerada por eles limitada e defendiam a importância da literatura, da história e da retórica, pois entendiam que esse modelo não dava mais conta das necessidades apresentadas por um novo tempo.

Os humanistas tiveram a preocupação de colocar o Homem no centro da educação, educando-o de acordo com a natureza humana, considerando a essência deste ser, para conseguir instruí-lo. Se importavam também em discorrer sobre o ser do homem, mais especificamente sobre sua educação. Por isso, desde o início do século XV até meados do século XVI, surgiram muitas vozes preocupadas com o desvio dos objetivos da educação, que se afastavam progressivamente do ser humano.

Destacam-se nesse período, as concepções do filólogo, filósofo, literato e teólogo agostiniano Erasmo de Rotterdam¹ (1466-1536) acerca da educação das crianças que, em suas obras *De Pueris* (1529) e *Civildade Pueril* (1530), destacava

¹ Existem diferentes variações ortográficas para “Rotterdam”, palavra que nomeia a cidade de nascimento de Erasmo. Nas traduções e textos acadêmicos encontramos “Roterdã, Roterdão, Rotterdam, Rotterdã, Rotterdam. Optamos pela versão “Rotterdam” com base no “Manual de Redação Oficial e Diplomática do Itamaraty” (Brasil. Ministério das Relações Exteriores. Manual de redação oficial e diplomática do Itamaraty, 2016, p. 166)

a importância da educação desde o início da vida do aprendiz, para instruí-lo no caminho da razão e da temperança.

Erasmus exerceu grande influência sobre a educação nesse período, com uma proposta humanista de educação, considerando o homem como o centro do seu conhecimento e, portanto, com condições de aprender segundo suas aptidões e habilidades, contrariando o método escolástico utilizado por mestres religiosos. Esse foi um dos aspectos que a sua concepção de uma nova pedagogia apregoava, em uma visão ampla de educação, que, segundo ele, proporcionava ao homem sua supremacia na natureza, ao afirmar que o homem não nasce acabado, mas só se aperfeiçoa por meio da educação.

Ao iniciar o Mestrado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação- PPE pela Universidade Estadual de Maringá- UEM, empreendemos os primeiros contatos com as obras clássicas *De Pueris* (1529) e *Civilidade Pueril* (1530) de Erasmo de Rotterdam, por meio do estudo e da pesquisa sobre o desenvolvimento educacional e sua relevância para a sociedade.

Compreendemos, assim, a importância desse pensador para a educação, ao não afrontar a dignidade do educando, respeitando a sua natureza e o quão atuais são os princípios de educação, civilidade e racionalidade defendidos em suas obras. Nessa perspectiva, esta pesquisa de mestrado tem como objetivo principal investigar a concepção pedagógica presente na proposta educacional de Erasmo de Rotterdam, na transição do século XV para o XVI.

Essa relação entre as ideias de Erasmo de Rotterdam e o trabalho pedagógico procede pelo fato de que, ao exercer o trabalho pedagógico no meio educacional há mais de 25 anos, algumas questões perpassam a história e auxiliam a entender, como pessoas inseridas nas relações da sociedade, que nossas atitudes e comportamentos, pessoal e profissional, interferem diretamente na formação do outro. Por essa razão, é relevante esclarecermos que tratamos da educação/formação do homem na sociedade, dos exemplos que cada um pode representar e da necessidade de refletirmos sobre nossa inserção e atuação nas relações sociais.

Sendo assim, justificamos o estudo das obras *De Pueris* e *Civilidade Pueril*, pela relevância atribuída pelo autor à formação do homem e aos bons costumes para viver em sociedade e que propõe um ideário de educação e formação do homem, perpassando a relação entre passado, presente e futuro.

Ao tratar das questões educacionais históricas e de longa duração, indagamos:

quais são as reflexões que Erasmo propõe quando se refere à importância da educação para a formação da criança? Quais conceitos de boas maneiras e de civilidade no século XVI defendidos por Erasmo ainda são válidos no cenário educacional atual?

As fontes adotadas foram as obras de Erasmo *De Pueris* (1529) e *Civilidade Pueril* (1530), tratando-se, portanto, de uma pesquisa teórica de caráter acadêmico-científica, resultante de um processo de ensino e aprendizagem e que cumpre os métodos de pesquisa científicos. Compreendendo a complexidade de uma pesquisa científica e para melhor organização desta, propomos sua divisão em três capítulos, além desta introdução e das considerações finais.

No primeiro capítulo, apresentamos o contexto social: político, educacional, religioso e econômico da Europa ocidental no final do século XV e início do século XVI, por meio da biografia de Erasmo de Rotterdam. A contextualização da obra se faz necessária para compreendermos em que contexto ele estava inserido e suas motivações para a produção dessa obra.

No segundo, discutimos sobre a educação, seus métodos e metodologias presentes no contexto social da Europa Ocidental do século XVI. Pautamo-nos em duas vertentes principais que se apresentavam nesse período: a Escolástica, já consagrada, e o Humanismo se apresentando como uma nova proposta educacional.

Para finalizar, analisamos as obras *De Pueris e Civilidade Pueril* de Erasmo de Rotterdam, investigando a proposta de ensino apresentada pelo autor destacando a importância da educação precoce, a importância dos pais e dos professores nesse processo, bem como a educação das boas maneiras e da civilidade do comportamento para que as crianças aprendessem a adequar seus modos de agir estando assim preparadas para conviver na sociedade.

2 ERASMO DE ROTTERDAM: CONTEXTO HISTÓRICO E BIOGRAFIA

No momento em que a Europa passava por um período de reformas, Erasmo de Rotterdam (1466?-1536) produziu seus manuais educativos intitulados *De Pueris* (1529) e *Civilidade Pueril* (1530), objetivando estabelecer uma educação que desse conta das demandas que se apresentavam para aquele contexto de mudanças. Tendo em vista tal feito, antes de tecer reflexões sobre a educação ideal para a formação do homem do século XVI, de acordo com o autor, é necessário que se faça uma contextualização temporal e biográfica da realidade a qual o autor fazia parte.

O período histórico que corresponde aos últimos anos do século XV e os primeiros trinta anos do século XVI, na Europa, retratam um tempo da História que foi marcado por acontecimentos que provocaram modificações em relação aos costumes, aos princípios e valores, de ordem social, política, econômica, cultural e religiosa que afetaram diferentes áreas da vida humana. Esses acontecimentos foram responsáveis por algumas características diferentes dos tempos antigo e medieval.

As mudanças sentidas, conforme apontou Peter Johan Mainka (2007), ocorreram com a descoberta de novos cantos do mundo, devido às grandes navegações e aos descobrimentos; na “nova” visão de mundo pelo homem com a revolução científica na busca pelas leis da natureza; na busca de uma base racional para o conhecimento humano com a filosofia; com o Renascimento e o Humanismo na literatura, na arte, pelo retorno aos Clássicos da Antiguidade o homem se volta para si; na religião, com a Reforma Protestante, a Renovação Católica e a Contra Reforma se dá a formação de grandes religiões em embates de umas contra as outras (MAINKA, 2007).

Alguns desses acontecimentos tiveram influência direta na vida de Erasmo. Nascido em Rotterdam, na Holanda, “[...] entendeu serem embaraçosas as circunstâncias do seu nascimento, tendo posteriormente tentado encobri-las substituindo essa data”. (DOLAN, 2004, p.17), a tal ponto que o ano de seu nascimento pode ter sido 1465, 1466 ou 1469. Sua mãe se chamava Margaret e seu pai, Roger Geertz, era um padre com funções de itinerância em diversas paróquias da cidade de Gouda, nas proximidades de Rotterdam, homem culto e bem relacionado. Cornélius Augustijn (1990) explica que “[...] os filhos dos padres não eram raros; um século mais tarde, na diocese de Utrecht, cerca de 25% dos padres viviam, mais ou menos

oficialmente, com uma mulher”. (AUGUSTIJN, 1990, p. 26, tradução nossa)². Sua origem como “filho ilegítimo”, particularmente de um sacerdote, poderia tê-lo impedido de ingressar em qualquer escola europeia ou mesmo se tornar membro do clero. Erasmo, contudo, foi uma exceção.

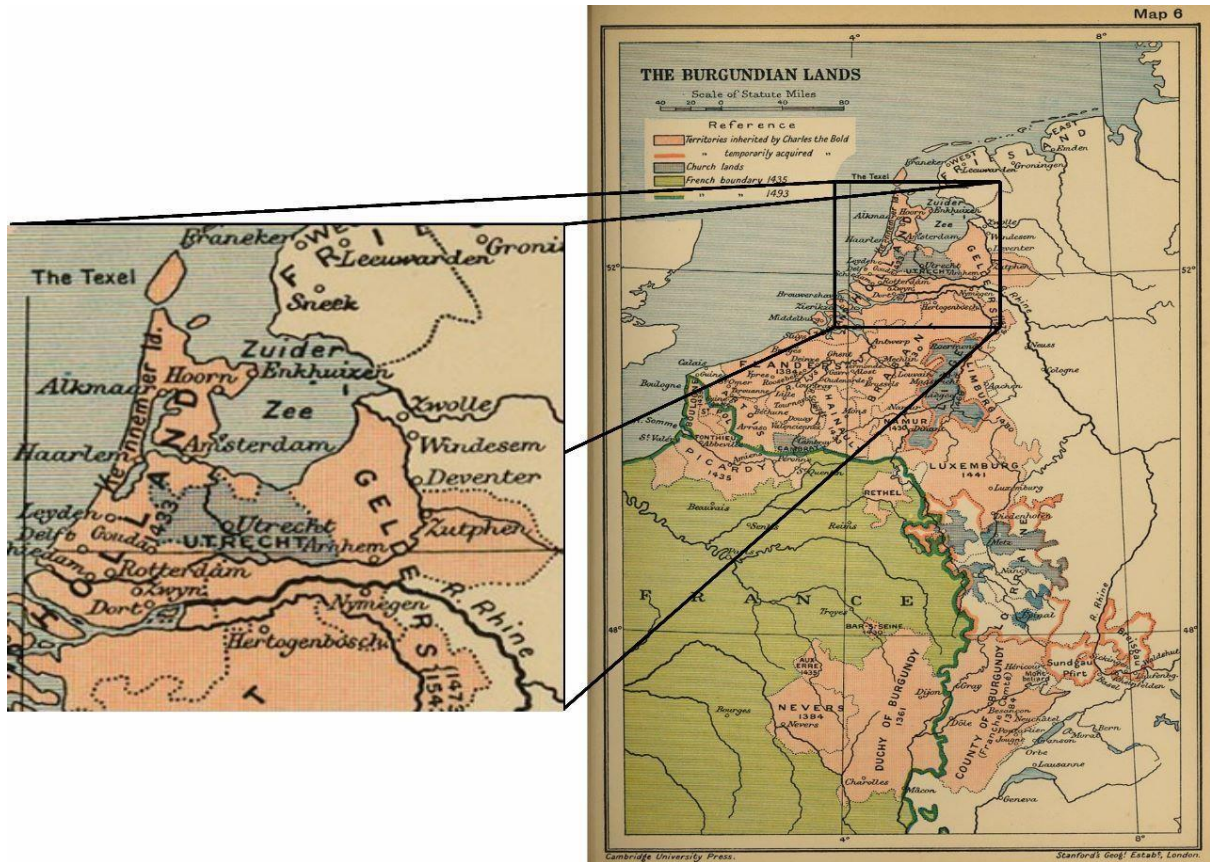
Seus primeiros anos transcorreram na parte norte da Holanda, uma área remota, mas não subdesenvolvida, onde boa parte da população morava em cidades pequenas, uma das primeiras regiões urbanizadas da Europa (AUGUSTIJN, 1990). Na metade do século XV, fazia pouco tempo que esse território havia sido dominado pelo Duque da Borgonha, Filipe o Bom, que não tardou em colocar Davi, seu filho ilegítimo como bispo de Utreque. Por terem se convertido ao cristianismo mais tarde, essas regiões ficaram isoladas, com poucas ligações no plano eclesiástico permanecendo sob a autoridade deste único bispo.

Na região Sul dos Países Baixos a vida era mais intensa, pois era onde residia a maior parte da nobreza, cujo papel na segunda metade do século XV foi muito importante. Em Bruxelas ficava o centro administrativo e a atividade judicial estava concentrada em Mechelen. Antuérpia, era uma cidade verdadeiramente internacional, um empório comercial onde a indústria florescia; Lovaina era o único centro universitário. Nos anos 80 e 90, o destino dos Países Baixos começou a ser associado ao do império dos Habsburgos. A Holanda caiu sob o domínio de Carlos V e já em 1492, o próprio Erasmo recebeu ordens sacerdotais do bispo de Utrecht, David de Borgonha, filho natural de Filipe, o Bom, bisavô de Carlos V (AUGUSTIJN, 1990).

Economicamente pouco desenvolvida comparando-se a outras regiões, a Holanda seria um país pobre de pescadores e camponeses, que iniciavam seu progresso com a pesca, atividades com indústrias têxteis, cervejeira e de construção naval, que se espalharam por numerosas pequenas cidades (HUIZINGA, 1987). Mesmo menores, as cidades tinham um papel importante na organização social.

² Los hijos de los sacerdotes no eran ninguna rareza; un siglo más tarde, en la diócesis de Utrecht, aproximadamente un 25 por 100 de los sacerdotes vivían, más o menos oficialmente, con una mujer” (AUGUSTIJN, 1990, p.26) (Texto original)

Figura 1: Mapa dos Países Baixos no século XV.



Fonte: UT. University of Texas Libraries (2022).

Jacques Le Goff em seu livro “O Homem Medieval” diz que um dos aspectos mais significativos para o progresso do Ocidente foi o desenvolvimento das cidades.

A cidade modifica o homem medieval! Restringe o seu círculo familiar, mas alarga a rede de comunidades em que ele participa; no centro das suas preocupações materiais, coloca o dinheiro, alarga os seus horizontes, propõe-lhe meios de se instruir e de se cultivar, proporciona-lhe um novo universo lúdico. (LE GOFF, 1989, p. 19).

O progresso da Holanda mostra em grande parte o desenvolvimento histórico do Ocidente. Nessa época a unidade do Estado já se desenhava ou estava formada, como foi o caso da Espanha, França e Inglaterra. A Unidade representava a centralização personificada na figura do príncipe e de sua corte (AUGUSTJIN, 1990).

Nesse contexto, a educação de Erasmo teve início com o aprendizado das primeiras letras aos cuidados de um preceptor e com nove anos, foi enviado por seus pais ao colégio de São Lebuim, em Deventer, mantido pelos Irmãos da Vida Comum e posteriormente a Hertogenbosch onde foi enviado por seus tutores, após a

morte de seus pais, onde continuou seus estudos. Foi nesse período que Erasmo conheceu a *Devotio Moderna* e teve os primeiros contatos com a atmosfera humanista.

No final do século XIV, originário dos Irmãos da Vida em Comum, em Deventer, região central da Holanda e da Congregação dos Cônegos Regulares de Santo Agostinho, em Windesheim, na Alemanha, vigorava um movimento conhecido por *Devotio Moderna*, esse movimento procurava atualizar e modernizar a devoção medieval, tendia a dar maior fervor à vida religiosa, bem como inserir práticas, novas expressões de fé conferindo um novo aspecto à espiritualidade e à devoção (HUIZINGA, 1987; CANAVARRO, 1991). Além de atender os necessitados e doentes, esses irmãos dedicavam-se especialmente ao ensino e à arte de escrever. Suas escolas atraíram alunos de várias regiões; muitos deles membros da burguesia que buscavam educação e cultura. O esforço pedagógico desse grupo fez com que se estabelecessem como os principais educadores na Holanda e em várias localidades da Alemanha (DOLAN, 2004).

Na obra Memórias de Erasmo, traduzida por Édouard Beaudoin, Erasmo diz:

Outrora, pinte em cores escuras o quadro de minha estada junto a esses religiosos, em Deventer e em Hertogensboch: para este último minha paleta não poupou os tons negros. Na verdade, sinto, no que tange a meus primeiros estudos em Deventer, confesso algo de culpa, e com moderação, uma dívida de arrependimento e reparação. Não que tenha experimentado alguma aversão pela vida religiosa desses bons Irmãos nem pelo seu estilo de piedade. Reconheço hoje e cada vez mais que marcaram a minha de modo mais profundo do que eu mesmo acreditava (ERASMO, 1991, p. 33).

Ele considerava que a *Devotio Moderna* possuía algumas características que atraíam sua simpatia, em especial críticas à escolástica junto à possibilidade de retorno as primeiras fontes do cristianismo como a Bíblia, os escritos dos Padres da igreja, em especial, Jerônimo e Agostinho, responsáveis por despertar em Erasmo o gosto pela elegância da linguagem e pela cultura. Não menos importante o gosto pelo latim, o grego, a poesia e o estilo.

Ainda em Deventer tinha entre seus educadores Johannes Synthen, Alexander Hegius (1439-1498), famoso humanista e educador alemão, e por seu intermédio conheceu Rudolf Agrícola (1443-1485) outro humanista de renome. Estes cultivaram em Erasmo “[...] os primeiros traços de erudição, que o diferenciariam tanto como um

escritor como um reformador religioso” (DOLAN, 2004, p. 18).

Erasmus teve grande influência em sua formação do Renascimento e do Humanismo. Estes movimentos tiveram um peso direto na constituição da Idade Moderna. Conforme apontou Jean Delumeau, o Renascimento

[...] deu ao homem do ocidente maior domínio sobre um mundo mais conhecido; ensinou-lhe a atravessar os oceanos; a fabricar ferro fundido, a servir-se das armas de fogo, a contar as horas com um motor, a imprimir, a utilizar dia a dia a letra de câmbio e o seguro marítimo (DELUMEAU, 1994, p. 23).

Paralelamente ao progresso material iniciou-se um progresso espiritual, artístico, científico, literário, cultural e filosófico cujo caminho indicou o retorno às fontes clássicas da cultura greco-romana. Ao elevar os ideais da Antiguidade Clássica, os renascentistas acabaram por se distanciar da intelectualidade medieval. Nesse contexto, aparece o Humanismo, primeiro na Itália, em meados do século XIV, e depois se espalha pela Europa, com ele acontece a renovação da vida cristã; esse movimento não ficou restrito ao catolicismo mesmo que grande parte dos humanistas fossem membros da igreja católica.

O movimento humanista, em seu sentido amplo, valorizava a condição humana, os atributos e as realizações do ser humano. Desse modo, conforme aponta Georg Salzer: “[...] a idéia de estar integrado numa ordem divina é substituída aos poucos, pela ideia de autonomia individual” (SALZER, 2007, p. 75). Ao contestar a hierarquia e a ordem que vigorava no mundo medieval, os humanistas colocam em evidência a dignidade do homem, sua liberdade em relação à natureza e à sociedade. Essa autonomia é procurada por meio de um retorno à Antiguidade e a seus modelos e diretrizes. O interesse volta-se para o homem e para sua capacidade de atuar sobre o mundo (CUNHA; FLORIDO, 2005).

Com a morte de seus pais, vítimas de uma das pestes que acometiam a Europa naquele período, os responsáveis pela tutela de Erasmus o enviaram para Hertogenbosch, onde se deparou com uma disciplina severa. Huizinga escreve que “[...] de acordo com Erasmus, os irmãos nada mais procuravam fazer do que estragar as qualidades e aptidões dos alunos por meio de espancamentos, reprimendas e medidas severas, a fim de os persuadir a entrar no convento” (HUIZINGA, 1987, p. 42,

tradução nossa)³. Fato que ocorreu logo em seguida, quando ingressou no Mosteiro dos Cônegos Regulares de Santo Agostinho, em Steyn, onde acabou por pronunciar seus votos em 1488 e foi ordenado sacerdote pelo arcebispo de Utrecht, Davi da Borgonha, em 1492.

Nos anos em que permaneceu em Steyn, vivenciou experiências que o marcaram. As regras da vida no mosteiro exigiam submissão, obediência e autocontrole constantes, eram tidas como virtudes mais elevadas e estavam totalmente orientadas para a contemplação e o culto divino. Nessa época, a devoção perdera o seu encanto original, voltando-se para uma espiritualidade e um modo de vida desligado do contexto e incapaz de estimular a inspiração. O que fez com que Erasmo sofresse em sua própria carne apenas os seus aspectos negativos: uma vida monástica monótona, com regras arbitrárias, obediência servil a ordens expressas com o máximo pedantismo, comida ruim e atitudes de resignação (AUGUSTIJN, 1990).

Porém, isto não o coibiu de encontrar oportunidades de nutrir seu “[...] espírito ávido de aprender sobre a antiguidade [...]”⁴ (HUIZINGA, 1987, p. 44, tradução nossa), estudar os autores clássicos, gregos e latinos e fortalecer sua formação humanística.

Nas cartas que escreveu quando estava em Steyn não há revelação sobre sua aversão pela vida monástica, no entanto,

[...] é, evidentemente, possível admitir que a vigilância dos seus superiores o impediu de escrever o que estava no seu coração, e que no fundo da sua alma continuava a existir uma aspiração à liberdade e uma sociedade mais culta do que a que Steyn lhe poderia oferecer. (HUIZINGA, 1987, p. 44, tradução nossa).⁵

Desta forma, o rigor vivenciado durante sua permanência no convento despertou em Erasmo o desejo de liberdade pessoal e aversão a tudo que pudesse cerceá-la, moldando seu caráter com traços dos ares da modernidade que “[...] colocava acima de tudo a independência intelectual, a liberdade de espírito e o culto

³ “Según afirma Erasmo, los hermanos no buscaban más que malograr las cualidades y aptitudes de los alumnos por medio de golpes, reprimendas y medidas severas, con objeto de persuadirles para que ingresaran en el convento” (HUIZINGA, 1987, p. 42). (Texto original).

⁴ “[...] para alimentar su espíritu ávido de conocer la Antigüedad [...]” (HUIZINGA, 1987, p. 44). (Texto original).

⁵ “Evidentemente, es posible admitir que la vigilancia de sus superiores le impidiera escribir lo que llevaba en su corazón, y que en lo más profundo de su alma permaneciera la aspiración a la libertad ya una sociedad más culta que la que podía ofrecerle Steyn”. (HUIZINGA, 1987, p. 44). (Texto original).

do humano em todas as suas formas”. (CUNHA; FLORIDO, 2005, p. 85).

A oportunidade de se libertar dos limites impostos pela vida religiosa, após sua ordenação, surgiu quando o Bispo de Cambraia, Henrique de Bergen, desejoso de receber a mitra de cardeal, faria uma viagem a Roma para solicitá-la e para isso precisaria de um secretário. Dolan (2004) aponta que, naquela época, muitos jovens monges atraídos pela vida monástica acabavam por se desiludir devido ao fracasso em atingir os ideais severos propostos por essa opção, o que resultava na expulsão de muitos deles. Às vezes, muito talentosos e que procuravam trabalho como secretários; havia também muitos prelados pouco cultos que buscavam esses talentos.

A nomeação como secretário do bispo ocorreu 1493, porque Erasmo era destacado homem das letras e latinista. Esse fato possibilitou sair do mosteiro com autorização de seus superiores e se mover entre as sociedades europeias.

Huizinga explica:

Entrar a serviço de uma personalidade tão considerável prometia honras e vantagens quase ilimitadas. Outros teriam visto isto como uma oportunidade de chegar ao episcopado com um pouco de paciência, humilhações e uma certa flexibilidade em termos de princípios. Mas Erasmo nunca foi um oportunista. Pelo contrário, ficou desiludido com o bispo; obrigado a acompanhá-lo durante suas numerosas viagens de lugar em lugar - Bergen, Bruxelas, Mechelen - tinha ocupações absorventes, cuja natureza desconhecemos. A viagem a Roma, a maior aspiração de qualquer clérigo ou homem de letras da época, não teve lugar. (HUIZINGA, 1987, p. 54, tradução nossa)⁶.

Durante o tempo que esteve a serviço do bispo, Erasmo teve experiências com a política e conheceu as ambições que cercavam a vida pública. Essa realidade o deixou assustado e entristecido, pois se viu forçado a se envolver com atividades que o deixavam em meio a agitação e sem tempo para se dedicar aos estudos. Porém, em sua estadia com o bispo, na biblioteca do convento de Groenendaal, encontrou obras de Santo Agostinho. Dedicou-se especialmente nesse estudo, visto que considerava

⁶ “Entrar al servicio de una personalidad tan considerable prometía honores y ventajas casi ilimitados. Otros hubieran visto en ello la posibilidad de llegar al episcopado con un poco de paciencia, humillación y cierta flexibilidad en cuanto a los principios. Pero Erasmo nunca fue un oportunista. Más bien, se sentía decepcionado junto al obispo; obligado como estaba a acompañarlo durante sus numerosos viajes de un lugar a otro -Bergen, Bruselas, Malinas-, tenía absorbentes ocupaciones cuya naturaleza no conocemos. El viaje a Roma, máxima aspiración de todo clérigo u hombre de letras de entonces, no se realizó” (HUIZINGA, 1987, p. 54). (Texto original).

ter encontrado nos manuscritos as armas para combater os “[...] teólogos, inimigos das ciências humanas e das belas-letas” (ERASMO, 1991, p. 64). Por isso, aprendeu-os quase que na sua totalidade, deixando transparecer suas primeiras críticas ao ensino da época.

O resultado desta estadia a serviço do arcebispo foi a redação de um diálogo chamado *Antibárbaros* (1495), iniciado ainda em Steyn, e publicado somente anos depois, no qual defende a importância da boa literatura e tudo o que ela comporta, assim como a harmonia entre a devoção e a cultura clássica e faz uma crítica “[...] contra as argúcias absurdas e hesitantes [...] contra os teólogos sem cultura” (ERASMO, 1991, p. 65). Esse texto não traz uma solução para a questão e a polêmica permanece, porém mostra um ponto de evolução em Erasmo que marca a centralidade de seus trabalhos futuros: “como se pode ter uma boa consciência, sendo ao mesmo tempo um homem de cultura e um cristão?” (AUGUSTIJN, 1990, p. 31, tradução nossa)⁷

A maior aspiração do jovem sacerdote era o estudo e, para alcançar seu objetivo, queria ir a Paris, considerada o centro da vida científica e lá realizar o doutoramento em Teologia. Para tanto conseguiu, além da autorização, um subsídio do bispo para estudar e se manter.

Paris era, nessa época, um dos centros intelectuais mais importantes da cristandade. A universidade proporcionava um ambiente para disputas de diferentes ideias e discussões sobre variados assuntos. Essas disputas entre os diferentes colégios cada qual se colocando na defesa dos saberes antigos ou dos modernos acabou por deixá-los enfraquecidos com “[...] disputas técnicas estéreis relativas ao sistema de classificação, um método composto de termos e palavras do qual a ciência e a filosofia já não se beneficiavam.” (HUIZINGA, 1987, p. 60, tradução nossa)⁸. Os colégios teológicos franciscanos e dominicanos ministravam o ensino sagrado de acordo com o método antigo, tradicional.

No entanto, isso não impediu o Humanismo de chegar a Paris no final do século XV com a elegância do latim, o gosto pelas letras clássicas e o retorno ao estudo das

⁷ “¿cómo se puede tener buena conciencia siendo hombre de cultura y cristiano a la vez?” (AUGUSTIJN, 1990, p. 31). (Texto original).

⁸ “[...]Se estancaron en estériles disputas técnicas concernientes al sistema de la clasificación, método hecho de términos y de palabras del que la ciencia y la filosofía ya no sacaron partido”. (HUIZINGA, 1987, p. 60). (Texto original).

obras de Platão, iniciado na Itália. Entre os humanistas de Paris, muitos eram italianos como Girolamo Balbi e Fausto Andrelini. Porém, o francês Robert Gaguin (1425-1502) era a figura mais expressiva. Vindo da Itália, estava em alta um conhecimento mais aprofundado de Aristóteles com incentivo de Jacques Lefèvre d'Étaples em suas visitas a Marsilio Ficino e Pico della Mirandola.

Era evidente, em Paris, o caráter conservador das teorias filosóficas e teológicas bem como o desejo de reforma, sem, contudo, promover o afastamento da doutrina da igreja. A entrada do movimento holandês *devotio moderna* em Paris reforçou o desejo de reforma da vida religiosa. “O seu objectivo principal era primeiro, à restauração e purificação das ordens monásticas, e segundo, à extirpação dos abusos em geral, cuja existência foi reconhecida e sentida até pela própria Igreja” (HUIZINGA, 1987, p. 60, tradução nossa)⁹ Jan Standonck, de Mechelen, educado entre os Irmãos da Vida Comum em Gouda, esteve entre seus principais representantes. Suas abstinências e renúncias o tornaram muito conhecido mesmo fora dos círculos religiosos.

Em sua chegada a Paris, Erasmo se dirigiu ao Colégio de Montaigu, onde munido das recomendações do bispo, se apresentou a Jan Standonck, diretor do estabelecimento. Sob sua direção o colégio contava com os regulamentos mais rigorosos e severas punições mesmo para as menores faltas. Junto ao colégio funcionava uma casa que acolhia estudantes pobres, que lá viviam numa comunidade semi-monástica. Mesmo não fazendo parte dessa comunidade e próximo de seus trinta anos, Erasmo passou pelas privações e violências impostas pelos regulamentos, fato que “[...] amargou o início da sua estadia em Paris e deixou na sua alma uma profunda e definitiva aversão à abstinência e ao rigorismo” (HUIZINGA, 1987, p. 62, tradução nossa)¹⁰. Para ele os métodos utilizados

São uma contravenção escandalosa da caridade para com o homem, que é uma lei divina, criação do próprio Cristo e de seu evangelho. Assim, não fizeram senão exacerbar minha profunda alergia ao monstruoso despotismo das práticas, abstinências e jejuns e a esse exagero de hábito e capuz, cuja justa e relativa estimativa é taxada por nossos devotos de crime contra a religião (ERASMO, 1991, p. 73).

⁹ “Aspiraba, en primer lugar, a la restauración y a la depuración de las órdenes monásticas, y luego, a la extirpación de los abusos en general, cuya existencia reconocía y sentía incluso la propia Iglesia”. (HUIZINGA, 1987, p. 60). (Texto original).

¹⁰ “[...] amargó los comienzos de su estancia en París y dejó en su alma una profunda y definitiva aversión hacia las abstinencias y el rigorismo”. (HUIZINGA, 1987, p. 62). (Texto original).

No tempo que ali permaneceu, seu objetivo primeiro era obter o doutoramento em teologia, o que não seria difícil para ele pois seus estudos anteriores, dedicação e inteligência possibilitariam que se preparasse para os exames em um curto período. Entretanto, não foi o que ocorreu. Não suportava a vida no Colégio de Montaigu. De acordo com Zweig (2016)

Nas suas cartas, escreveu [...] ninguém pode habitar muito tempo nesta 'residência amarga' sem ficar doente ou morrer. Os alimentos são também intragáveis, a carne é putrefacta, o vinho estragado, e as noites são preenchidas com uma luta inglória contra os vermes. (ZWEIG, 2016, p. 21, tradução nossa).¹¹

Por todas essas situações, permaneceu naquele ambiente até 1496, onde após se ver enfermo e esgotado retornou a sua terra natal, na tentativa de encontrar tratamento para suas enfermidades.

Outro motivo que o decepcionou foi o estudo da teologia escolástica¹². Termo usado para identificar o sistema de filosofia praticado nas escolas e universidades medievais. Os escolásticos buscaram substanciar teoricamente a verdade da doutrina cristã e reconciliar pontos de vista conflitantes na teologia e para isso desenvolveram um método extremamente sofisticado de investigar questões filosóficas e teóricas. A universidade e a escolástica surgiram ligadas uma à outra: “a universidade é o corpo fechado constituído pelos mestres e a escolástica é o ensino magistral que a universidade tem por função ensinar” (ALESSIO, 2006, p. 367). A fonte do saber provinha da Revelação cristã e da ciência antiga, o ensinado em latim era o mesmo saber em todas as partes, por isso universal e ligado diretamente ao papado.

Esse método de ensino era utilizado por mestres, os quais tinham a função de

¹¹ “Estampa en sus cartas [...]nadie puede habitar largo tiempo en esta ‘amarga residencia’ sin caer mortalmente enfermo o sin fallecer. Tampoco los alimentos le agradan, los huecos o la carne están putrefactos, el vino echado a perder, y las noches están llenas de una lucha nada gloriosa contra los bichos” (ZWEIG, 2016, p. 21). (Texto original).

¹² Sumários de dogmas compilados da Bíblia e da literatura patrística, ao interpretá-los (expositio, catena, lectio), eles (os escolásticos) adotaram gradualmente uma discussão sistemática de textos e problemas (quaestio, disputatio). Isso deu finalmente lugar a um sistema que tentou oferecer uma visão abrangente da “toda a verdade atingível” (summa), um desenvolvimento que coincidiu com uma clara progressão no sentido da autonomia intelectual, com pensadores da envergadura de Alberto Magno e Tomás de Aquino. Os escritos sobre lógica tiveram um importante efeito sobre a escolástica; por volta de 1200, a “nova lógica” de Aristóteles, baseada em traduções de seus Analíticos, Tópicos e Refutações Silogísticas, tinha produzido uma teologia “científica” em contraste com os escritos bíblicos do século XII. A ênfase atribuída à razão foi rejeitada em certa medida no século XIV, por homens como Guilherme de Ockham e João Duns Scotus. (LOYN, 1997, p. 416-417).

explicar por comentários os textos sagrados. Nesse debate de questões e opiniões, os escolásticos buscavam produzir conhecimento adequando os ensinamentos da doutrina cristã com o platonismo e o aristotelismo fundamentando-os com a razão.

Nesse sistema, Erasmo iniciou os estudos teológicos fazendo cursos sobre as Escrituras e o Livro das Sentenças, textos muito usados entre os manuais de teologia, porém, as aulas para ele eram mecânicas e sem sentido, “[...] não gostava das sutilezas da escolástica antiga” (HUIZINGA, 1987, p. 64, tradução nossa)¹³, que prevalecia soberana na Universidade de Paris e era venerada pelos mestres. Seu espírito não pedia pelas inquirições filosóficas, pela mera reprodução intelectual, que a seu ver, não produziam efeito sobre seu entendimento, mas tornavam o sujeito arrogante e polêmico, nunca um sábio.

Dessa forma, teceu críticas à escolástica, decepcionado com esse sistema de ensino, “[...] ancorado num escolasticismo ultrapassado, com embates entre escotistas, tomistas e nominalistas. [...] Com o passar dos anos suas críticas seriam centradas não nos professores mas nos teólogos corruptos, expressando-se de forma a juntar todos os escolásticos no mesmo saco.” (GARCÍA, 2021, p. 56, tradução nossa)¹⁴. Todos esses acontecimentos aliados à sua enfermidade, as dificuldades financeiras e humilhações o fizeram desistir do doutorado em Paris e retornar à Holanda. Sua permanência em Paris, entre idas e vindas, foi até 1499.

Embora insatisfeito, esse foi também um tempo em que firmou contatos com o mundo dos humanistas literários, o qual ele dominaria posteriormente. Por meio de uma carta contendo inúmeros elogios, Erasmo se apresentou a Robert Gaguin, um expoente do humanismo parisiense, a quem ofereceu um poema escrito com muito zelo. Com essa correspondência surgiu a oportunidade de se fazer conhecido.

Gaguin havia entregado aos impressores um manual em latim sobre a história da França, uma primeira tentativa de historiografia humanista na França.¹⁵ Finalizado o trabalho, ficaram páginas em branco e o historiador se encontrava adoentado e incapaz de resolver a questão. Sem outro assunto para preencher as páginas, Erasmo entrou em cena com uma de suas composições, uma carta panegírica. Este foi seu

¹³“No le gustaban las sutilezas de la escolástica anticuada” (HUIZINGA, 1987, p. 64). (Texto original).

¹⁴ “[...] anclado en una escolástica desfasada, com pugnas entre escotistas, tomistas e nominalistas. [...] Com el paso de los años, sus críticas de centrarían no en los verdaderos maestros sino em los teólogos corrompidos, aunque expresadas de tal modo que se mtía a todos los escolásticos en il mismo saco (GARCÍA, 2021, p. 56) (Texto original).

¹⁵ *De Origine et Gestis Francorum Compendium*, 1495. (HUIZINGA, 1987).

primeiro texto impresso e seu nome e estilo puderam ser conhecidos pelo público de Gaguin ao mesmo tempo em que mostrou méritos para contar com a sua proteção (HUIZINGA, 1987; AUGUSTIJN, 1990).

Dessa forma, entre idas e vindas à Holanda, Erasmo resistiu à vida em Paris, seu tempo de estudos foi passando e ele aproveitou as oportunidades que o meio cultural parisiense lhe ofereceu, publicando pequenas obras e dedicando seu tempo aos estudos dos autores latinos.

Seus contatos com humanistas importantes eram para ele uma honra, porém não contava com nenhuma vantagem. Como os recursos oferecidos por seu bispo eram poucos e ele não queria viver no colégio “vinagre”, precisou buscar meios para sua subsistência.

É inimaginável a que penúria está reduzido o trabalhador intelectual nessa idade de ferro. Fora as prebendas eclesiásticas, sempre difíceis de obter e para mim impossíveis, ou os honorários pagos por editores, que só os concedem aos escritores célebres, só resta ao intelectual recorrer a um protetor-mecenas. (ERASMO, 1991, p. 78).

Huizinga (1987) comenta que viver do trabalho intelectual não era fácil e muitas vezes nem digno, pois dependiam das prebendas eclesiásticas, uma espécie de salário para os padres, geralmente muito pequeno ou contar com o patrocínio de algum protetor influente, preferencialmente de ambos, porém difíceis de obter. No caso de Erasmo, como não tinha ainda notoriedade suficiente e nem relações, restou dar aulas aos filhos de famílias nobres e ricas, especialmente da aristocracia inglesa dos quais foi tutor, com destaque para os irmãos Northoff, Thomas Grey e Robert Fisher.

Não era seu desejo se tornar um mestre de escola, “[...] na verdade detesto o ensino: a assiduidade atenta e constante exigida de um professor me entedia e esgota. Não tenho nada de mestre-repetidor e só gosto de literatura” (ERASMO, 1991, p. 78). Entretanto, da atividade docente iniciou a composição de manuais de ensino que seriam muito populares. Escreveu em latim *Familiarium colloquiorum formulae*, uma coletânea de conversas refinadas, para Northoff, que seria o germe de seus “Colóquios”; para Fisher, um primeiro esboço sobre a arte de escrever cartas, *De conscribendis epistolis* e também parafraseou as *Elegantiae*, de Lorenzo Valla, um tratado sobre a pureza da língua latina, um luminar da cultura para ele. Para enriquecer o vocabulário dos iniciantes e oferecer variados estilos de frases escreveu

o *De copia verborum ac rerum*, centro de uma obra maior que trataria da organização dos estudos *De ratione studii* (HUIZINGA, 1987).

Assim, Erasmo viveu seus anos de aprendizagem, usufruindo das oportunidades que surgiam no meio cultural parisiense, realizando pequenas publicações e dedicando a maior parte do seu tempo aos estudos e à busca de meios financeiros que o levassem a Roma, considerada o centro do mundo. (AUGUSTIJN, 1990). Ainda em Paris, por volta de 1499, se tornou professor de William Blount, o Lord Mountjoy e conseguiu o apoio financeiro de que necessitava.

Toledo (2007) aponta que neste mesmo ano, ao se mudar para a Inglaterra, a convite de Mountjoy, Erasmo intensificou relações com humanistas ingleses. Esse grupo possibilitou que aperfeiçoasse os métodos de aprendizagem, em especial das línguas antigas, muito frequentes em suas obras posteriormente. Desta primeira estadia na Inglaterra destacam-se dois encontros que tiveram repercussão na vida de Erasmo: Thomas Morus (1478-1535), futuro chanceler de Henrique VIII e de quem se tornou grande amigo, e John Colet (1467-1519), humanista inglês que o despertou para a descoberta da Antiguidade Clássica, para os estudos da Bíblia: “influenciado por ele, Erasmo foi despertado, também, para as questões da necessidade de renovação, tanto no ensino teológico quanto da ética, no interior da igreja”. (TOLEDO, 2007, p.108).

Essa influência contribuiu para a evolução intelectual de Erasmo: “[...] de homem de letras para erudito bíblico, e foi graças a ele que a sua primeira estadia na Inglaterra provocou uma mudança fundamental na sua vida”. (AUGUSTIJN, 1990, p. 38, tradução nossa).¹⁶ Mudança que não aconteceu por acaso, mas fruto dos acontecimentos em sua vida que o levaram por caminhos que não foram escolhidos, mas que o conduziram para chegar ao conhecimento de si mesmo e decidir que seu futuro seria dedicar sua vida “[...] a pesquisa da Palavra de Deus, por meio do estudo, comentário, e difusão das letras sagradas, no intuito de contribuir [...] para a elevação moral e espiritual dos homens” (ERASMO, 1991, p. 94). Desta maneira, decidiu se aprofundar no estudo da língua grega para fazer a restauração da teologia com novas traduções dos textos bíblicos partindo dos originais o que revelou um cristianismo diferente daquele presente nos séculos anteriores.

Erasmo, entre 1500 e 1504, viveu entre a França, a Holanda e a Bélgica

¹⁶ “[...] De hombre de letras a estudioso de la Biblia y gracias a él la primera estancia en Inglaterra significó un cambio fundamental en su vida”. (AUGUSTIJN, 1990, p. 38). (Texto original).

(Lovaina) e de acordo com Toledo (2007), sua primeira obra publicada, o *Enchiridion Militis Christiani* data deste período e já sugeria uma crítica discreta à vida monástica idealizando uma religião que atendesse a todos, interiorizada e mais humana, sem exageros e formalismos, algo que se tornaria constante em outras passagens de suas obras. O investimento efetivo do humanista no domínio da cultura grega antiga também data desse período. Os trabalhos que realizou neste tempo, traduções de textos gregos, revelam sua adesão completa ao humanismo muito presente entre os intelectuais com quem se relacionava, inclusive seus laços mais estreitos com Thomas Morus ocorreram a partir de traduções que fizeram juntos.

Continuando suas viagens, entre 1506 e 1508 esteve na Itália, onde pode lecionar e finalmente se doutorar em Teologia. Ali teve contato com “[...] o centro do humanismo e de toda renovação intelectual renascentista que se estendia pela Europa”. (CUNHA; FLORIDO, 2005, p. 88). Em Veneza, além das bibliotecas onde estudava antigos manuais e se aprofundava no grego, conheceu Aldo Manúcio que o hospedou e o apresentou à tipografia, instrumento responsável por possibilitar a divulgação da cultura em toda a parte¹⁷.

Para o universo daquela época, a criação da tipografia atingia um novo conceito e Erasmo fazia parte dessa geração que cresceu com a possibilidade de utilizar esse instrumento para difundir as obras das antigas fontes. O papel que desempenhou no seu tempo só foi possível graças a esse invento, lhe confortava saber que “[...] o livro impresso apresentou a milhares de leitores o mesmo texto numa forma absolutamente idêntica[...] que as gerações anteriores não teriam tido”. (HUIZINGA, 1987, p. 130, tradução nossa).¹⁸ Com esse artifício, estabeleceu sua reputação como escritor trabalhando direta e continuamente na imprensa de Manúcio e exerceu forte influência entre os europeus alfabetizados, tornando-se uma referência no modo de pensar da época.

Um dos principais resultados da invenção da imprensa foi a ampliação das

¹⁷ Johannes Gensfleisch (1398-1468), conhecido como Gutenberg, homem de negócios criou letras de metal móveis, que podiam ser reunidas aleatoriamente. E como era um artesão experiente e ao mesmo tempo um homem de negócios disposto a arriscar, Gutenberg acabou por construir a prensa necessária para a impressão das letras. Sua invenção tomou o lugar dos métodos até então usados para a produção de livros e iniciou na Europa uma verdadeira revolução midiática, sem a qual o mundo moderno seria inconcebível.

¹⁸ “[...] el libro impreso presentaba a miles de lectores el mismo texto bajo una forma absolutamente idêntica, [...] que las generaciones anteriores habrían carecido”. (HUIZINGA, 1987, p. 130). (Texto original).

oportunidades de carreira. Alguns escritores tornaram-se letristas, outros trabalhavam como revisores, tradutores ou redatores para editoras impressas. O que lhes possibilitava uma certa independência financeira. Erasmo teve sucesso suficiente com os seus livros para se libertar da dependência de outros protetores o que foi fundamental para estabelecer seu estatuto de autor com uma reputação que correu o mundo.

Os melhores editores foram ao mesmo tempo acadêmicos repletos de entusiasmo humanista. Homens instruídos e abastados trabalharam como revisores nas prensas de alguns impressores; por exemplo, Pierre Gilles, o grande amigo de Erasmo e More, secretário de Antuérpia, trabalhou para Thierry Maertens. Do ponto de vista local as grandes prensas de impressão eram também centros de comércio intelectual. (HUIZINGA, 1987, p.131, tradução nossa)¹⁹.

A impressão aumentou o eixo de ação do Humanismo abrindo seu campo de conhecimentos para um público mais amplo, voltando-se para uma atuação mais a serviço da cultura cristã capaz de ressoar mais longe reforçando seu objetivo inicial.

Durante o tempo que permaneceu na Itália, Erasmo passou por Turim, Veneza, Florença e Bolonha. Nesse período, em suas viagens hospedou-se em mosteiros cujo “[...] luxo ofuscante e muitas vezes profano, contrastando com o espírito evangélico e supostamente colocado a seu serviço” (ERASMO, 1991, p. 140) causavam a ele dor e sofrimento.

Bolonha, aonde chegou para estudar, estava em guerra. O Papa Júlio II lutava para reconquistar antigos territórios da Santa Sé. Após um cerco, a cidade cedeu e o Papa entrou em marcha triunfante sobre a cidade. A entrada em forma de espetáculo foi presenciada por Erasmo com espanto “[...] a entrada triunfal do papa Júlio II, de couraça e capacete, ao som das fanfarras, em meio a troféus e vivas, com todo o esplendor de uma apoteose imperial”. (ERASMO, 1991, p. 141). O papa estava imbuído da conquista do poder sem muito se preocupar com os dogmas e as reformas de que a igreja necessitava. Roma e o papado estavam no centro da organização do governo, e na Itália representavam tanto uma poderosa força política como militar.

¹⁹ “Los mejores editores eran a la vez eruditos desbordantes de entusiasmo humanista. Hombres cultos y acomodados trabajaban como correctores en las prensas de algunos impresores; así, por ejemplo, Pierre Gilles, el gran amigo de Erasmo y de Moro, secretario de Amberes, trabajaba para Thierry Maertens. Desde el punto de vista local, las grandes imprentas constituían a la vez centros de comercio intelectual” (HUIZINGA, 1987, p.131). (Texto original).

Esse tempo vivido em Roma provocou em Erasmo as mais variadas impressões sobre o espírito religioso. Apesar do entusiasmo e da sedução com que foi apresentado ao mundo dos eruditos e da cúria romana onde se deparou com a mais culta e espiritual sociedade a se frequentar, questionava-se a respeito da qualidade da fé e do espírito religioso no centro do cristianismo. A suntuosidade dos cultos, os exageros na liturgia, discursos eloquentes com pouco significado para a espiritualidade: “doutrinas puramente materialistas são professadas com audácia, a imortalidade da alma é negada e autênticas blasfêmias são proferidas” (ERASMO, 1991, p. 148) sem qualquer interferência da autoridade romana.

Os costumes dos superiores eram alvo de suas observações, especialmente a corrupção que estava disseminada em vários contextos.

A corte estava atulhada de parasitas sem conta, sustentados à custa da cristandade: escribas, notários, promotores, secretários, cavaleiros, escudeiros, banqueiros, atravessadores. Prelados estufados de orgulho, com as mãos pesadas de anéis, pavoneiam-se em cavalos de luxo, seguidos por abundante e rutilante criadagem. [...] O baixo clero miserável, separado de seus superiores por um fosso social intransponível, degradava-se nas práticas simoníacas, mercantilizando as realidades mais sagradas. [...] No povo cristão, conduzido ou abandonado por tais pastores, a fé ainda parecia viva. (ERASMO, 1991, p. 148).

Essas observações serviram para que o humanista refletisse sobre a real necessidade de purificar a religião, corrigir os costumes e que uma reforma geral era urgente. Ainda em Roma, por volta de 1509, recebe a informação de que Henrique VIII ascendia ao trono inglês. O mesmo príncipe que Erasmo saudou com um poema quando esteve em Bolonha, na ocasião um jovem de 15 anos e de quem recebeu um agradecimento em latim, mostrando o quanto valorizava as belas letras. Surgia para ele a oportunidade de encontrar um protetor (HUIZINGA, 1987).

De volta à Inglaterra, viajando pelos Alpes, imbuído do sentimento de decepção e da certeza de que se fazia urgente denunciar a decadência pela qual passava a instituição religiosa romana em todos os níveis, Erasmo faz a reflexão sobre os fundamentos do Humanismo pelo qual dedicou seus estudos e sua vida. Para ele “[...] qualquer outro caminho, salvo o do renascimento interior [...]” (ERASMO, 1991, p. 151), poderiam desencadear confrontos e fanatismos, como os que surgiam na Alemanha proclamando a destituição do papado.

Erasmus acreditava que seria possível a restauração da cristandade pelo retorno ao espírito evangélico.

É por esse humanismo cristão que quero combater com todas as minhas forças e total fidelidade à fé católica, e ao mesmo tempo, militar por uma reforma religiosa necessária, sem poupar críticas a uma decadência cujos perniciosos efeitos sinto talvez mais que qualquer outro. Sei que servirei de alvo à cólera, àquela particularmente acerba dos monges ignorantes e de certos teólogos de visão estreita e sectária. [...], mas, graças ao humanismo cristão, alegro-me em augurar para a Igreja o despontar de uma fé pura e luminosa, verdadeiramente evangélica. (ERASMO, 1991, p. 152).

Desta forma, com as recordações de tudo o que havia presenciado, ansioso pelo reencontro com os amigos na Inglaterra, inicia a construção de sua obra mais difundida: Elogio da Loucura (*Encomium Moriae*), que dedica a seu amigo Thomas Morus. “Receberás, portanto, com benevolência esta pequena declamação com uma lembrança deste teu amigo, e aceitarás defendê-la, pois ela já não me pertence, e sim a ti, em virtude da dedicatória”. (ROTTERDAM, 1997, p. 02).

No Elogio da Loucura, Erasmo expõe seu espírito filosófico de maneira muito própria, apresentando a loucura que “[...] vai do extremo (negativo) em que se manifesta a pior parte do homem, ao extremo oposto, que consiste na fé em Cristo que é a loucura da Cruz [...]”. (REALE, 2004, p. 69). O mundo é colocado como o teatro da loucura, sendo a mesma o elemento essencial que torna possíveis a vida e a sociedade. Dessa forma, pela boca da loucura, Erasmo se permite expor todas as mazelas que corroíam a sociedade, mostrando a realidade que estava oculta. Por meio dela consegue desvelar aquilo que para muitos estava encoberto exaltando ao mesmo tempo o valor transcendental da fé assim como denuncia os costumes corrompidos da igreja de sua época.

A obra seria publicada somente em 1511 em Paris, para onde se dirigiu saindo da casa de Morus, sem receber o patrocínio de Henrique VIII que não se dedicava mais às belas letras, mas às glórias dos campos de batalha. Desse período até 1514, quando se transferiu para Basileia, lecionou grego e teologia na Universidade de Cambridge.

Os anos que seguiram foram muito produtivos para Erasmo. Em 1516, publicou o Novo Testamento em grego e o dedicou ao Papa Leão X. Essa publicação serviu como referência para estudos bíblicos futuros, em especial para aqueles que já

pensavam na reforma, entre eles Martinho Lutero (1483-1546). Nesse mesmo ano publicou “A Educação de um Príncipe Cristão” (*De Institutione Principis Christiani*), dedicado ao futuro imperador do Sacro-Império Romano-Germânico (1519), Carlos da Borgonha (1500-1559) de quem se tornara conselheiro: “este tratado sobre a educação de um príncipe, de acordo com o carácter e as tendências de Erasmo, está mais no plano moral do que no político” (HUIZINGA, 1987, p.176, tradução nossa).²⁰

Outra obra desse período foi “A Questão da Paz” (*Querela Pacis*), dedicada ao bispo recém nomeado Dom Filipe, o Bom, duque da Borgonha, onde faz a defesa de uma Europa sem guerras. Essas obras, além de coerentes com os tempos vividos, tinham um sentido universal. Em 1517, ele conseguiu a dispensa de seus votos religiosos pelo papa, que o autorizou a viver como leigo conservando os benefícios eclesiásticos e anulou os impedimentos devido ao seu nascimento.

As obras publicadas por Erasmo eram consumidas por aqueles que comungavam do seu pensamento sobre a necessidade de mudança na estrutura da igreja. Entre eles, Martinho Lutero (1483-1546), frade agostiniano, que em 31 de outubro de 1517, “[...] tornou públicas as suas condenações ao comércio de indulgências, divulgando as 95 teses de Witemberga, fato que se tornou o marco fundador da Reforma Protestante” (TOLEDO, 2007, p. 110), o que sem precisar a influência futura, seria o início da separação do cristianismo no Ocidente.

Nesse sentido, para além dos embates políticos e religiosos travados entre Erasmo e Lutero, a divisão entre católicos e protestantes expressa nas obras de Rotterdam pode ser percebida como a principal diferença entre os dois, haja vista que ambos os métodos de atuação, ainda que mantenham um fundo comum, são afastados gradativamente, o que resultou no limite dos embates.

Embora nunca tenham se encontrado pessoalmente, Erasmo e Lutero tinham alguns pensamentos convergentes: ambos queriam a renovação da igreja, eram críticos da escolástica e se opunham à venda de indulgências. No entanto, Erasmo tinha o desejo de realizar a restauração da igreja pelas Escrituras, acreditava que:

Era através delas que a Palavra (verbum) celestial que nos veio do coração do Pai ainda vive e sopra por nós e age e fala com maior

²⁰ “Este tratado sobre la educación de un príncipe, conforme al carácter y las tendencias de Erasmo, se sitúa más bien en el plano moral que en el político [...]” (HUIZINGA, 1987, p.176). (Texto original).

eficácia imediata do que de qualquer outra maneira. Daí a necessidade de buscar as Escrituras na pureza de sua fonte e vertê-las apropriadamente para o latim para que pudessem ser lidas e devidamente ensinadas, instrução que é a nossa salvação. (SIEPIERSKI, 2016, p. 287-288).

Com suas críticas, Erasmo não passou despercebido aos seus admiradores como também a seus críticos, fato que causou muitas dificuldades ao humanista, inclusive em sua estadia em Louvain, quando os teólogos da faculdade decidiram por condenar o que consideravam ser as heresias de Lutero. Erasmo se mostrou contrário à condenação, apelando pela conciliação e pela paz. Na tentativa de permanecer numa posição de neutralidade acabou sendo criticado por ambos os lados.

Lutero, ao tornar públicas suas teses, mostrava sua indignação contra a igreja que vendia indulgências, colocando abaixo a tradição de que os pecados e a absolvição dos homens seriam possíveis por meio da distribuição, pelo Papa, dos méritos acumulados dos Santos. Sua busca pela reforma da igreja se orientava pelo caminho da cisão radical com a tradição Romano-católica, tomando como princípio a ausência do livre arbítrio do homem ao negar sua capacidade de salvação por seus próprios méritos senão pela fé na graça de Deus.

O principal dos pontos fundamentais da teologia de Lutero é que o homem se salva pela fé e não pelas obras. Em outros termos, a possibilidade de salvação está completamente na fé, uma vez que o homem é criatura feita do nada e como tal nada pode fazer para se tornar 'nova criatura', ou seja, para realizar o renascimento requerido pelo Evangelho. [...] não nega que haja 'obras boas'; sua afirmação de que a fé por si justifica sem as obras significa, substancialmente, que as obras não podem ter por si a função salvífica que tradicionalmente atribuía-se a elas. (REALE, 2004, p. 88).

Ao levar suas teses a consequências extremas, Lutero intentava não somente corrigir os excessos e abusos no entendimento e prática das obras, como também atingir os fundamentos do cristianismo com consequências sem precedentes, como a condenação de seus escritos e seu rompimento definitivo com Roma, o que provocou o fim da unidade na cristandade medieval.

Contrário a qualquer radicalismo e solicitado a tomar uma posição em relação a Lutero, em 1524 Erasmo tornou público o tratado sobre o "Livre Arbítrio" (*De libero arbitrio*) no qual "[...] reafirmava a doutrina clássica da igreja sobre o tema da liberdade humana, consolidando-a" (TOLEDO, 2007, p. 110). Dessa forma, o humanista

afirmava o poder do homem em determinar seu destino, desligando-se do pecado, com a liberdade que o levaria à salvação. A resposta de Lutero veio no ano seguinte com a obra “O Servo Arbítrio” (*De servo arbitrio*) em que pregava outra leitura da doutrina ao afirmar que, pela mancha do pecado, o homem estava predestinado à perdição e que a salvação independia da liberdade humana, sendo fruto somente da Graça de Deus que tudo realiza. Com essa disputa sobre o livre arbítrio ficou marcada a fissura entre o legado humanista e o desejo de reformas na igreja, já que as concepções sobre o homem e sua ação no mundo para ambos eram divergentes.

A resposta de Erasmo veio em 1526, com a sua réplica chamada “Defesa do Ensaio contra o Servo Arbítrio” (*Hyperaspistes diatribae adversus Servum Arbitrium*), que causou reações contra ele da parte de muitos grupos de reformadores às quais preferiu não mais responder.

Prefiro o silêncio, e por muito tempo. Tendo entrado na polêmica contra minha vontade, creio poder dar a mim mesmo o testemunho de ter permanecido fiel ao pensamento que sempre foi o meu sobre o humanismo cristão, sobre a reforma necessária da igreja e sobre sua unidade, de tê-la servido sem me desviar ao sabor das circunstâncias. [...] Se tivesse podido prever a evolução dos acontecimentos, outrora teria evitado palavras por demais prematuras para ouvidos piedosos ou tê-las-ia articulado de outro modo. [...], mas esta justificação de meu combate fica prostrada diante da ordem cristã destruída. (ERASMO, 1991, p. 292).

Decidido a não mais se envolver na questão luterana, o humanista vai para Friburgo, em 1529, onde com a saúde frágil e o espírito abatido retoma suas obras ainda com o desejo de realizar sua missão de restaurar a paz e a unidade na igreja. Retorna à Basileia em 1535, onde o Papa Paulo III, eleito um ano antes, pede que auxilie em mais uma tentativa de trazer a unidade e oferece a Erasmo a possibilidade de se tornar cardeal, a qual ele recusa para não se contradizer e talvez por acreditar que não haveria esperança de reconciliação. Neste mesmo ano seu amigo Thomas Morus foi morto na Inglaterra “[...] por não aceitar o divórcio de Henrique VIII com Catarina de Aragão e o casamento, logo a seguir, com Ana Bolena, nem o ‘Ato de supremacia’ de 1534” (TOLEDO, 2007, p.112), que tornou oficial a Igreja Anglicana chefiada pelo rei e separada de Roma. Esse foi um duro golpe para Erasmo.

Erasmo se tornou, ao longo das décadas de 1520-1530, um teórico controverso entre católicos e protestantes.

Para os primeiros, passou a cheirar a heresia e ao germe protestante, para os segundos, não teve a coragem ou a inspiração de romper com a falsa igreja. Em todo caso, ele deixou uma marca indelével na espiritualidade e no pensamento europeus. (LEONE, 2020,p. 143).

Isto posto, percebe-se que a dúvida foi uma ferramenta importante escolhida por Erasmo para evitar ou minimizar o conflito entre católicos mais intransigentes e Lutero e seus apoiadores mais efervescentes. Não por acaso, Erasmo tornou-se suspeito para ambos os grupos, sua intenção em diminuir as divergências a uma disputa entre os que defendiam a teologia de inspiração escolástica, como os professores das universidades e religiosos mediantes, “e os promotores da renovação dos *studia humanitatis*, nos quais o intelectual era uma referência, não tardou a mostrar-se insuficiente para compreender as divisões religiosas e políticas”. (LEONE, 2020, p. 148).

Mesmo com a saúde abalada, o humanista encontra alívio para suas dores na escrita à qual se dedica até os últimos dias. Seus últimos momentos foram vividos em Basileia, onde morreu em 12 de junho de 1536, deixando como herança suas obras e a convicção de que os excessos devem ser combatidos pela razão e que a liberdade de pensar do homem está acima de qualquer outro valor.

Com o objetivo de dar continuidade em nossa análise, o próximo capítulo versará sobre o contexto educacional do século XVI, aprofundando as questões do Humanismo e do Renascimento com reflexões sobre as fontes para o trabalho.

3 O CONTEXTO EDUCACIONAL NO SÉCULO XVI

O nascimento da modernidade, situado entre fins do século XV e início do século XVI, teve características que operaram transformações em muitos âmbitos da vida humana. Esse quadro, em conjunto com o crescimento da população, que progressivamente deixava os campos rumo às cidades devido ao desenvolvimento de novas técnicas agrícolas provocou, na sociedade europeia, o crescimento dos centros urbanos, o fortalecimento do comércio e o enriquecimento da burguesia. No âmbito cultural e educacional, o Renascimento permitiu o surgimento de pensamentos com marcas no campo intelectual que tiveram reflexos importantes nas discussões relacionadas à educação ideal para os novos tempos. O homem começou a se perceber como agente de transformação, mudando sua visão de mundo e se colocando como elemento principal do conhecimento.

Dessa forma, para entender o contexto educacional desse período é necessário analisar o que foi o Renascimento e suas relações com o movimento humanista para compreender o ideal educativo de Erasmo de Rotterdam, que intentamos pesquisar por meio de seus escritos sobre educação, visto que ele é considerado “[...] o homem mais erudito do seu tempo, respeitado e admirado por seus escritos, [...] conferiu nova visão à filosofia da Renascença privilegiando o ser humano, a religião cristã e o conhecimento sapiencial da vida” (FERACINE, 2008, p. 10).

3.1 O RENASCIMENTO

O Renascimento, como tradicionalmente é denominado esse movimento, foi importante para a história da Europa e da Humanidade, pois a primeira lhe serviu de palco e para a segunda representou a mudança na atitude do homem consigo e com o seu meio. Passados séculos de desenvolvimento nos quais se estabeleceu a Europa moderna, os europeus iniciaram modificações nos moldes em que estava estruturada essa sociedade de base feudal desde o século VIII. Superados os infortúnios de invasões e guerras assim como devido os “[...] progressos técnicos, o aumento da população, a renovação do comércio, da cultura e a centralização monárquica desde

o século XIII” (NUNES,1980, p. 01), o desenho de um tipo diferente de sociedade despontava em algumas cidades da Itália, principalmente no século XIV.

Importante destacar que:

A sociedade medieval esteve profundamente impregnada do cristianismo, de tal modo que a crença e a piedade cristã determinavam as formas da existência cotidiana e presidiam a constituição das instituições medievais tal como o governo da realeza as corporações de ofícios, as escolas, as artes. Ademais, verificou-se no plano da cultura, desde o século XII, verdadeira revolução devido ao contacto direto dos estudiosos com as obras do pensamento grego, à restauração do direito romano e ao ardoroso conhecimento e cultivo da filosofia sobre se haver intensificado o estudo dos clássicos latinos [...] (NUNES,1980, p. 01).

O fato de não se entregar e enfrentar provações como a Peste Negra possibilitou que a civilização europeia não tivesse grande retrocesso. Gradualmente, algumas estruturas tidas como eternas, como a autoridade da igreja, passaram a ser questionadas, o que acelerou a laicização da sociedade e da cultura fazendo emergir o indivíduo que, mesmo em meio às dificuldades, continuou a buscar nos inventos, nas navegações e nos negócios um novo espaço para ser livre, desenvolvendo maior consciência de si, de suas habilidades e possibilidades.

Nesse processo de descobertas, o novo homem acabou por substituir a ideia de integração na ordem divina pela ideia de autonomia individual, o que interferiu diretamente nas atividades intelectuais, visto que estas deixaram, paulatinamente, sua ligação direta com os preceitos religiosos conquistando aos poucos sua independência da tutela da igreja.

Nesse aspecto de valorização da Antiguidade, sua retomada foi colocada como “[...] modelo exemplar em todas as manifestações culturais, abrangendo todas as áreas da vida humana: as artes plásticas, a literatura, até a sociedade e a política” (SALZER, 2007, p. 75). Influenciado pelos exemplos dos antigos, o Renascimento consistia em um rumo diferente para o pensamento e o trabalho intelectual e artístico passou a ser considerado sob outros aspectos estéticos, de clareza e elegância (SALZER, 2007).

Nunes (1980) explica que, historicamente, o Renascimento aconteceu inicialmente na Itália, casa do antigo Império Romano do Ocidente, e se espalhou por outras regiões da Europa no decorrer do século XIV. As cidades italianas se renovaram culturalmente, progrediram e enriqueceram, afirmando-se uma ideia de

que os italianos se identificavam com os antigos romanos pelo fato de se depararem com resquícios dessa cultura antiga em monumentos em algumas cidades, além das antigas tradições que ainda se faziam presentes em muitas delas. Em contraponto,

[...] a renovação dos estudos literários e jurídicos, [...] produziu resultados culturais [...] e favoreceram um novo ideal de cultura, principalmente ao ensejo da tremenda crise social ocorrida no século XIV, em consequência das devastações produzidas pelas epidemias da Peste Negra, das transformações econômicas e políticas, da crise religiosa que nasceu dessas ocorrências e das mazelas oriundas do Exílio de Avinhão e do Grande Cisma do Ocidente que projetaram multidões de crentes na confusão e no desalento sobre se haver acentuado a decadência dos costumes devido a esses fatos e a outros desastres como a Guerra dos Cem Anos. (NUNES, 1980, p. 02).

Somados a esses fatos, o contato com obras de autores gregos e latinos reforçou, nos estudos dos clássicos, ideais voltados a um modo de vida diferente, mais voltados para as coisas do mundo, afastados dos preceitos cristãos, como um projeto real e executado por muitas pessoas em especial as mais ricas e cultas, influenciando também os costumes das pessoas mais humildes que desejavam escapar das agruras da vida cotidiana, como a fome e a miséria, e se revoltavam com os prazeres e comodidades aos quais não tinham acesso.

Em um tempo – Idade Média - no qual o olhar humano voltava-se para Deus em qualquer circunstância, fosse no trabalho no campo, nos mosteiros, nas igrejas, na universidade, buscando, “[...] além das aparências [...] a Face Divina que tudo vê e de tudo sabe. Ora, na época do Renascimento [...] muitas pessoas começaram a pousar o seu olhar apenas nas aparências das coisas” (NUNES, 1980, p. 04) efetivou-se, desse modo, o deslocamento dos interesses das experiências divinas pelas humanas e da natureza, “[...] a meditação dos mistérios cristãos pelo estudo dos fenômenos e o doce e sereno enlevo das realidades espirituais [...] pelos prazeres carnis”. (NUNES, 1980, p.04). Essa mudança de perspectiva significou para esse período uma nova direção para o modo de pensar e agir dos homens.

O Historiador suíço Jacob Burckhardt (1818-1897), na obra “A Cultura do Renascimento na Itália”, publicada em 1860, ao pesquisar sobre esse período histórico, o conceituou como contrário ao medieval, sendo responsável por inaugurar a época moderna, visto que coloca os italianos como “[...] primogênitos, entre os filhos da Europa moderna” (BURCKHARDT, 1991, p. 81) por terem sido, segundo ele, os primeiros a se libertarem do véu que os cobria na Idade Média. “Véu tecido de fé,

ilusão e preconceitos infantis”, (BURCKHARDT, 1991, p. 81) pelo qual podiam enxergar o mundo e a história. Sob esse véu o homem somente era considerado de forma coletiva,

[...] como membro de uma raça, de um povo, de um partido, de uma família ou corporação-somente através de alguma categoria geral. Foi na Itália que este véu se desfez primeiro; um tratamento objetivo do Estado e de todas as coisas deste mundo se tomou possível. Ao mesmo tempo, o lado subjetivo se afirmava com ênfase correspondente; o homem se tomava um indivíduo espiritual, e se reconhecia como tal. (BURCKHARDT, 1991, p. 81).

Nesses termos, segundo o historiador, o rasgar do véu possibilitou o aparecimento do espírito moderno, liberto da ilusão alicerçada na fé, permitiu e promoveu a divisão entre o que era objetivo e subjetivo o que fez surgir um outro estado de consciência do homem em relação ao meio, esse homem aparece diferente, com valores diversos do medievais. Consequentemente, “ninguém tem medo de se tornar notado, de ser e de parecer”. (BURCKHARDT, 1991, p.108). Seu individualismo se torna livre, acentuado pelas predileções terrenas, pelo apreço à liberdade das vontades e em relação ao controle por qualquer autoridade sobre a vida espiritual.

Estes homens procuraram ampliar seus horizontes de conhecimento, pelo reflorescimento das descobertas das civilizações passadas, na Itália, mais efetivamente a partir do Trezentos, onde se generalizou um grande interesse pelo passado clássico, algo que despertou um entusiasmo patriótico e a necessidade de criar uma memória nacional relacionada a ampliação da vida cívica, buscada nas ruínas e antigas inscrições, de maneira que “as ruínas dentro e fora de Roma despertavam não apenas zelo arqueológico e entusiasmo patriótico, mas uma melancolia [...] sentimental.” (BURCKHARDT, 1991, p. 114). Entretanto, o legado literário foi mais significativo que o arquitetônico, pois as obras dos autores clássicos que se encontravam presentes em grande parte nas bibliotecas dos mosteiros foram consideradas as maiores autoridades intelectuais, de maneira absoluta.

Esse novo modo de se relacionar com a Antiguidade, incentivado pelos italianos representaria o ocaso da Idade Média e o começo da Idade Moderna. Tais formulações foram aceitas e serviram para embasar estudos posteriores sobre esse período, entretanto outras foram questionadas com o aprimoramento das pesquisas.

Entre estes últimos fica a noção de que o Renascimento, chamado de

“movimento espiritual” significava um rompimento, algo inteiramente novo, inesperado, totalmente separado do período anterior – que era identificado por seus representantes pejorativamente como Idade Média, visando delinear um longo período de “escuridão intelectual” que estaria situado entre o “ fim da ‘esplêndida civilização antiga’ e a ‘retomada gloriosa’ de seus ideais, quase mil anos depois”. (BERNARDO, 2005, p. 16-17). Esta seria, então, a época do aparecimento de uma outra cultura, inteiramente nova e contrária à medieval.

Giovanni Reale (2004), ao discorrer sobre esse período, explica que essa teoria de ruptura não foi aceita exatamente conforme exposta por Burckhardt, pois ao ser atentamente pesquisado, o Renascimento não significou um rompimento com a Idade Média, pois teria muitas características oriundas desse período, assim como é possível considerá-la “[...] plena de renascimentos de obras e autores antigos que pouco a pouco emergiam e eram recuperados” (REALE, 2004, p.10). Para ele, não significou o Renascimento o embate entre “[...] civilização e a incivilização, da cultura contra a incultura e a barbárie, do saber contra a ignorância: ele é muito mais o nascimento de *outra* civilização, de *outra* cultura, de *outro* saber (REALE, 2004, p.11, grifo do autor).

O historiador Peter Burke (1999), também trata o Renascimento não como um tempo de ruptura com o período que o antecede, mas como um acréscimo onde o velho e o novo poderiam coexistir sem ter o primeiro que ser substituído pelo segundo.

Não devemos ver o Renascimento como uma ‘revolução’ cultural no sentido de uma súbita quebra com a tradição. É mais exacto pensar neste movimento como um desenvolvimento gradual no qual cada vez mais indivíduos se tornaram progressivamente insatisfeitos com os elementos da sua cultura em finais do período medieval e cada vez mais atraídos pelo passado clássico. (BURKE, 1999, p. 41).

Para esse autor não é necessário, para entender o Renascimento e suas conquistas individuais e coletivas, abordá-lo em termos de avanço ou progresso quando comparado com a Idade Média. Além do que, não se pode entender nestes termos as fontes históricas em que os contemporâneos asseguravam estar separando totalmente do passado atual e voltando-se ao passado clássico pois, na verdade, se serviram de uma e outra e não aderiram a nenhuma totalmente. Frequentemente, “o novo era acrescentado ao velho em vez de substituí-lo. Os deuses e deusas clássicos não expulsaram os santos medievais da arte italiana, mas coexistiram e interagiram

com eles”. (BURKE, 1999, p. 28). Destarte, vemos reforçado na interpretação do autor o entendimento de que a História não deve ser compreendida como se os sujeitos históricos abandonassem absolutamente tudo o que conhecem para aderir a outro percurso, ou seja, como se a História fosse um conjunto de blocos estanques.

No Renascimento, o homem se permitiu viver a liberdade colocando-se como agente histórico, buscando por meio dessa nova forma de pensar, de seus atos, as oportunidades para conduzir sua realidade e agir sobre ela, convivendo com o fim de uma época e o início de uma nova civilização. O aprofundamento dos estudos sobre a Idade Média serviu para derrubar preconceitos sobre ter sido essa a “idade das trevas”, mostrando a riqueza cultural que predominou nesse período e a relevância de seus feitos que marcou indelevelmente os séculos XIV, XV e XVI. Desta maneira, Kristeller (1993) explica o termo Renascimento como um período que deve ser estudado levando-se em conta as continuidades, permanências e transformações relacionadas ao período histórico anterior, sem desprezar as contribuições medievais, definição esta que responde satisfatoriamente a nossa interpretação por desconsiderar ideias preconceituosas relacionadas aos períodos estudados, não ferindo a multiplicidade de uma realidade tão ampla como a do Renascimento.

Nesse processo de mudanças políticas, sociais e culturais, o Renascimento precisa ser considerado não somente como um renascer dos

[...] valores antigos, clássicos, gregos e romanos [...] o despertar cultural que caracteriza desde o início o Renascimento é sobretudo uma afirmação renovada do homem, dos valores humanos nos vários domínios: desde às artes até a vida diária. Não é por acaso que aquilo que mais impressiona nos escritos e nos historiadores, desde as origens, é essa preocupação com os homens, com o seu mundo, com a sua atividade no mundo. (GARIN, 1991, p. 09).

Ao colocar em evidência a figura do homem como que dotado de características e atitudes próprias, artífice do seu destino, se faz exaltada a sua dignidade e liberdade tornando-se capaz de agir sobre a natureza e à sociedade.

Agnes Heller, na obra intitulada “O Homem do Renascimento” (1982), coloca em evidência essa nova concepção de homem. A autora parte da suposição de uma ideia de homem estático nos tempos clássicos, limitado em suas potencialidades sociais e individuais que, mesmo ampliadas pelo Cristianismo via-se limitado em suas possibilidades entre o pecado original e o juízo final. Com o Renascimento esse conceito se altera: “[...] surge um conceito dinâmico do homem. O indivíduo passa a

ter a sua própria história de desenvolvimento pessoal, tal como a sociedade adquire também a sua história de desenvolvimento”. (HELLER, 1982, p. 09). Esse homem se percebe com chances de transformar a si mesmo, de ter sua própria história de desenvolvimento pessoal bem como o meio em que vivia. Enquanto no medievo o Homem era limitado em seu horizonte pelo feudo ou burgo onde nasceu e viveu, o Homem do Renascimento pôde estender seu olhar pelo mundo todo.

Percebe-se uma grande confiança no Homem, como um indivíduo capaz de operar por si próprio notáveis mudanças de qualquer ordem. Para Heller (1982), opera-se uma contradição na identidade desse indivíduo e da sociedade de todas as ordens.

A relação entre o indivíduo e a situação torna-se fluida; o passado, o presente e o futuro transformam-se em criações humanas. Esta 'humanidade', no entanto, constitui um conceito generalizado, homogêneo. É neste momento que a 'liberdade' e a 'fraternidade' nascem como categorias ontológicas imanentes. O tempo e o espaço humanizam-se e o infinito transforma-se numa realidade social. Mas por muito dinâmico que o homem possa ser na sua interação com a história, antropologicamente ainda é eterno, genérico e homogêneo. O homem cria o mundo, mas não recria a humanidade; a história, a 'situação' mantém-se externa a ele. (HELLER, 1982, p. 9).

Depreende-se assim, que todo esse dinamismo, ainda que contraditório, promoveu na constituição desse novo Homem outras percepções sobre seu próprio destino e essa oportunidade de decidir sobre seu caminho. No sentido social, significou uma gama enorme de possibilidades, como é possível perceber na Revolução Comercial dos séculos XV e XVI, nas navegações atlânticas dos portugueses e espanhóis, invenções das quais se destacam a imprensa, entre outras.

Esta consciência de liberdade, de poder se lançar no infinito, segundo Heller (1982), adveio da ascensão do capitalismo, mesmo que, em seu início, ele mostrasse sua eficiência em superar as relações do indivíduo com a comunidade. O Homem renascentista se coloca em outro patamar pairando sobre o que é ilimitado, sonha com realizações até então inconcebíveis, como os projetos de máquinas fabulosas, voadoras e submarinos de Leonardo da Vinci. Mesmo sentindo-se pequeno diante do universo, vê-se gigantesco diante dos desafios de conquistar o mundo (HELLER, 1982).

Este homem toma como sua uma vida que se coloca em sentido oposto daquela

que era somente contemplativa para se tornar ativa, porque, baseada no que o homem tem de mais racional e humano, quer sejam as artes, a instrução ou a investigação, que fazem dele alguém diferente de tudo que existe na natureza.

Assim, o Renascimento se torna o marco de mudanças que refletiram especialmente no pensamento daquele período, porque “se na Idade Média vivia-se um presente eterno, onde tudo se repetia e não havia transformações, no Renascimento, o mundo deixava de ser imóvel”. (SILVA, 2013, p. 217). Com a atenção concentrada no Homem, os conceitos se reformulam e a maneira como passa-se a interpretar o mundo se modifica profundamente, considerando seus incontáveis aspectos: religião, ciência, política, arte, educação que até então estavam articuladas harmoniosamente, no Renascimento, tal harmonia se rompe e com novos questionamentos há a busca por novas respostas (SILVA, 2013).

Para a civilização ocidental, o Renascimento implicou que os intelectuais se encorajassem para dar respostas às novas demandas que surgiam ao mesmo tempo que às inovações econômicas, políticas e culturais. Era necessário uma “nova” interpretação para realidade que se apresentava. Essa interpretação, muitas vezes, se dava resgatando antigos conceitos que explicassem os acontecimentos menos como eram ou como imaginavam que fossem, iluminados pelos novos modelos. Ampliou-se, desta maneira, o debate que contou com um aspecto intelectual para a difusão dessa nova forma de pensar, o Humanismo, o qual passamos agora a analisar.

3.2 HUMANISMO NO RENASCIMENTO

Humanismo e Renascimento precisam ser tratados simultaneamente pois ambos estiveram de certa forma relacionados. Desse modo, não é incomum que seja visto o Humanismo como uma ideia de interrupção e de permanência quando relacionado ao pensamento medieval. Proveniente de *humanitas*, a palavra “humanismo” foi usada, originalmente, para nomear professores ou estudantes que em meados do século XV se dedicavam ao ensino e a aprendizagem da gramática, da retórica, poesia, história e filosofia moral, nos *studia humanitatis*, - um programa de educação, inspirada nos antigos, destinado à formação do homem (DRESDEN, 1968; CUNHA ; FLORIDO, 2005). Desse modo, à tendência da época em valorizar a busca

pela autonomia e pela liberdade humana tendo como base as obras clássicas e seus autores se denominou Humanismo.

Ao emergir como uma possibilidade de resposta, no final da Idade Média, aos novos tempos, o Humanismo se colocou como uma “[...] alternativa de pensamento e de atitudes” (BARROS, 2021, p. 253) relacionada a um saber, que se preparava e se colocava em pontos com características da Idade Moderna, mas que já dava sinais de ocorrer desde o final do século XIII, nas universidades que se organizavam. Assim, procuramos evitar a afirmação de ruptura de um saber medieval para outro tipicamente humanista, já que historicamente mostram sinais de continuidade.

Consideramos importante realizar breve consideração sobre os primeiros humanistas. Para tanto, se faz necessário reportar às escolas catedrais, na França do século XIII, local onde se aprimorou uma nova forma de estudar a disciplina que ensinava o aluno a arte de escrever cartas, redigir documentos oficiais e discursos solenes – a *ars dictaminis*. Esse estudo compreendia não somente o aprendizado de normas de composição, mas também consistia na imitação do estilo literário e estudo de poetas e antigos oradores. O regresso, na segunda metade do século XIII, de mestres italianos dessa arte, os *dictatores*, após estudarem na França, permitiu que divulgassem nas universidades italianas o estudo dos clássicos. Essa prática foi se difundindo não sem resistência e no início do século XIV tornou-se ortodoxa (SKINNER, 1996). O interesse cada vez maior de muitos estudantes que aprendiam a *Ars Dictaminis*, como algo a mais na sua formação como advogados, por poetas, oradores e historiadores clássicos possibilitou que tratassem

[...] esses escritores não apenas como mestres em alguns artifícios estilísticos, mas como figuras literárias sérias, dignas de ser estudadas e imitadas por si mesmas. Os esforços assim envidados por esses advogados do começo do século XIV, estudando os clássicos por seu valor literário e não mais por sua mera utilidade, fazem que seja correto considerá-los os primeiros verdadeiros humanistas. (SKINNER, 1996, p. 59).

Skinner (1996) explica que as cidades italianas de Arezzo e Pádua foram as primeiras vivenciar esse renascimento literário e que esse movimento teve forte influência no desenvolvimento do pensamento político da Renascença, visto que as obras desses pré-humanistas possuíam forte conteúdo político, possuía suas raízes no estudo da retórica e era direcionado ao estudo e da História, poesia e filosofia.

Para Javier Vergara Ciordia (2020) o termo “humanismo” pode ser entendido de maneiras diversas: “pode-se falar de humanismo clássico ou renascentista, cristão ou ateu, racionalista ou idealista, marxista ou existencialista”. (CIORDIA, 2020, p. 68, tradução nossa)²¹. No entanto, o Humanismo, que é escrito com letra maiúscula diferente das outras formas singulares, se apresenta sobretudo como tradição intelectual do Ocidente, que, apesar de concepções diferentes no caminho da História, “[...] sempre defendeu o propósito moral do conhecimento. [...] Para o Humanismo, o conhecimento alcançado pela razão deveria ‘humanizar’ os seres humanos, tornando-os não só mais sábios mas também melhores”. (CIORDIA, 2020, p. 68, tradução nossa)²². Para o autor, deveria ser este seu maior desafio ao qual não poderia nem deveria renunciar.

No decorrer dos séculos XV e XVI o Humanismo Renascentista, considerando suas sutilezas e distinções estabeleceu três princípios que impactaram o ideal humano.

Em primeiro lugar, os humanistas retomaram a velha ideia clássica de que o homem ocupa um lugar privilegiado no universo e que a ciência ou o conhecimento está lá para o ajudar a viver de acordo com a sua dignidade humana especial. Em segundo lugar, pensavam que havia uma coincidência fundamental entre aspectos do pensamento clássico e judaico-cristão, pelo que não tinham qualquer problema em acrescentar à ideia grega da dignidade do homem, baseada na sua racionalidade radical, a ideia judaico-cristã de que esta dignidade pertence ao homem porque ele foi criado à imagem e semelhança de Deus. Em terceiro lugar, eles pensavam que o elemento mais radical dessa dignidade era a liberdade. (CIORDIA, 2020, p. 69, tradução nossa).²³

Consideravam que Deus havia criado o homem, diferentemente de outros animais, dotado de liberdade, portanto, humanizar-se ou não, deveria ser uma escolha

²¹ Así puede hablarse de humanismo clásico o renacentista, cristiano o ateo, racionalista o idealista, marxista o existencialista. (CIORDIA, 2020, p.68) Texto Original.

²² Ha defendido siempre la finalidad moral del conocimiento. [...] para el Humanismo los saberes alcanzados por la razón deben “humanizar” a los seres humanos, haciéndolos no sólo más sabios sino también mejores. (CIORDIA, 2020, p.68) Texto Original

²³ Durante los siglos XV y XVI, el humanismo renacentista, a pesar de sus matices y diversidad, acertó a asentar tres principios que marcaron sobremanera los ideales éticos del ideal humano. En primer lugar, los humanistas retomaron la vieja idea clásica de que el hombre ocupa un puesto privilegiado en el universo y que la ciencia o conocimiento está para ayudarle a vivir de acuerdo con su especial dignidad humana. En segundo lugar, pensaron que existía una coincidencia fundamental entre aspectos del pensamiento clásico y del pensamiento judeocristiano, por lo que no tuvieron ningún problema en sumar a la idea griega de dignidad del hombre, basada en su radical racionalidad, la idea judeocristiana de que esa dignidad le corresponde al hombre por haber sido creado a imagen y semejanza de Dios. En tercer lugar, pensaron que el elemento más radical de esa dignidad era la libertad. (CIORDIA, 2020, p.69) Texto Original

de cada ser humano.

De acordo com Mecenas Dourado (1963), a geração que decidiu se “humanizar”, foi responsável por uma reorientação pedagógica no estudar, compreender, difundir e ensinar a cultura clássica, efetuando-se como uma novidade da Renascença, a mudança na atitude espiritual relacionada aos antigos.

Porque se tratava menos de restaurar o conhecimento dos latinos – que nunca deixaram de ser lidos – e dos gregos – que não eram totalmente desconhecidos – do que de compreendê-los e situá-los dentro do espírito de suas respectivas civilizações. Só assim poderiam ser fecundo e aproveitáveis como elementos de diferenciação intelectual necessária ao progresso do espírito humano. (DOURADO, 1963, p.73).

Para esse autor, essa geração foi autodidata e teve em Erasmo de Rotterdam seu expoente, pois ele apontou o tesouro daquela educação para novas diretrizes e com seu ideal humanista buscou “[...] fundir a antiga cultura clássica com o ideal cristão para fazer um todo orgânico e homogêneo”(DOURADO, 1963, p.73), sem, no entanto, julgar ou “[...] escolher o que é bom ou mau para o cristianismo, porque tudo o que viesse das humanas disciplinas só poderia concorrer para melhores luzes da doutrina de Cristo”. (DOURADO, 1963, p. 73).

Outra característica do Humanismo Renascentista foi a oposição ao saber que se difundia na vida intelectual, nas universidades por meio da escolástica, uma tradição filosófica e teológica que dominou a Europa medieval.

A ciência escolástica tinha como base o Aristotelismo com ênfase na lógica e na dedução e buscava conciliar essa filosofia com a teologia cristã com o objetivo de estabelecer uma base intelectual para a doutrina Católica. O movimento humanista criticava essa abordagem na forma de ensino, considerada por eles, limitada e defendiam a importância da literatura, da história e da retórica, pois entendiam que esse modelo não dava mais conta das necessidades apresentadas por um novo tempo. A escolástica criou seus próprios termos, muito científicos e especializados e com acesso a um grupo restrito.

A diferenciação da teologia escolástica entre uma via antiga e entre uma via moderna abalou o pensamento tradicional e despertou dúvidas no modo escolástico de encontrar a verdade por meio da dedução lógica. A união tradicional entre fé e conhecimento foi progressivamente questionada e o método escolástico foi considerado esquemático e teórico demais. (SALZER, 2005, p. 76).

De outro modo, embora houvesse resistência de alguns grupos humanistas que a consideravam ultrapassada, grande número de intelectuais com posses continuaram a se formar nas universidades que utilizavam o programa escolástico de cultura erudita do medievo e depois se aliaram às correntes humanistas. Esse embate é visto por Kristeller (1993) como uma questão de coexistência em relação ao desenvolvimento do humanismo e do escolasticismo rebatendo a ideia de superação do velho para o novo. Considera que, devido ao progresso dos estudos e métodos escolásticos, os humanistas, por se verem ameaçados rivalizam com seus opositores, porém com uma convivência pacífica entre duas tradições singulares.

Skinner (1996) aponta que essa hostilidade não pode ser desconsiderada pois, por meio dela, os intelectuais humanistas poderiam reafirmar a importância de sua posição de tradição intelectual e ponto central na cultura renascentista, visto que a ideia de não ofensiva ao campo intelectual escolástico não levava em consideração

[...] a crescente confiança dos humanistas quando se lançavam à conquista dos domínios estudados pelos escolásticos, denunciavam esses seus rivais por se aferrarem a métodos do tempo das trevas, e assim insistiam – praticando um imperialismo cultural cada vez mais acentuado – na necessidade de que as técnicas específicas do humanismo fossem adotadas por todo o vasto espectro das disciplinas intelectuais. (SKINNER, 1996, p. 126).

O método escolástico era o alvo constante desses ataques. Esse método de ensino consistia em comentários de textos de autores antigos da teologia, do direito, medicina ou outros considerados autoridades e ao redor dos quais se definia seu significado gramatical, e seu sentido geral; após havia a explicação lógica e sua interpretação. “A ‘leitura’ atenta das ‘autoridades’ permitia uma minuciosa exegese de textos, a ‘disputa’ abria caminho a grande liberdade intelectual, assentada no rigor racionalista do raciocínio dialético”. (LE GOFF, 2017, p. 653). Os humanistas entendiam que essa interpretação da autoridade pelos escolásticos não respeitava seu contexto histórico “[...] considerando que deveriam ser estudados e avaliados em seus próprios termos” (SKINNER, 1996, p. 123), para não ocorrer anacronismos.

Outro ponto contrário ao método escolástico era que seus seguidores se atinham a inquietações filosóficas sem utilidades e proveitos para a vida social. E mesmo quando atentavam para as questões da vida prática não conseguiam expressá-las devido ao barbarismo do latim (SKINNER, 1996).

Essas colocações apontam que o humanismo se colocou como fonte para um modo de pensar que pudesse ser prático, aplicado ao mundo real, ligado às mudanças do período renascentista que deu lugar de destaque ao homem e acentuou o uso do latim clássico para as atividades intelectuais.

Em relação à literatura, houve rejeição ao latim medieval com uma expressão acentuada do latim clássico que se tornou “[...] a norma da própria língua e da fala [...] e modelo exemplar de comunicação pela escrita ou fala”. (SALZER, 2005, p. 79). Com isso, o latim, apreciado pelos humanistas, serviu como ponte para os conteúdos da Antiguidade, possibilitando uma outra maneira de compreender a história ao ter acesso a cultura, filosofia e poética dos tempos antigos. Merece atenção, também, a ocupação posterior com a língua e literatura grega clássica pois fez com que os humanistas desenvolvessem um sentimento de cultura elevada e superioridade intelectual

Historiadores, como Jacques Le Goff (1924-2014) em sua obra clássica “Os Intelectuais na Idade Média” (1993), ao tratar no último capítulo sobre o fim da Idade Média, explica como as mudanças nas condições sociais, políticas, religiosas e econômicas influenciaram o contexto intelectual favorecendo a emergência do modo de pensar humanista, a partir de uma escolástica que já não agradava os universitários com sua base tradicional de argumentações e se abrem para uma filosofia mais voltada para a retórica e a poesia. Nesse contexto de transformações, as decisões às atitudes de alguns mestres da universidade diante dos problemas e das perspectivas de serem beneficiados pelas novas configurações políticas e econômicas tomam força.

No intuito de remediarem suas dificuldades econômicas, ou mesmo de lucrarem nestes novos tempos que se abrem tanto para o enriquecimento como para o empobrecimento, muitos dos mestres universitários passam a exigir pagamentos de seus alunos, o que termina por inviabilizar a frequência aos meios universitários de um número menos insignificante de pobres. A administração de certas universidades também opta por fixar a bolsa de estudantes, exatamente da mesma maneira como foram fixados os salários de trabalhadores do campo diante da crise da segunda metade do século XIV. (BARROS, 2021, p. 254).

Deste modo, somente teriam acesso aos círculos humanistas os indivíduos menos favorecidos que se destacassem pela inteligência e talento e assim ocorreu a integração de outros segmentos ao saber, estes, não teriam acesso aos meios

escolásticos, ao passo que, com o Humanismo essa possibilidade se coloca. Porém, se apresenta como aristocrata, não de sangue, mas de espírito e terá como lugar a “[...] corte do Príncipe, os colégios de leitores reais e os circuitos dos burgueses instruídos”. (BARROS, 2021, p. 255).

Contudo, em relação ao ideal de formação humanista, faz-se necessário observar que mesmo os críticos à escolástica e aos seus métodos de ensino não conseguiram substituí-la, em especial nas universidades onde dominou durante todo o período renascentista. Outro ponto se refere à limitação de seus programas educativos que não eram acessíveis para todos, mas somente para uma parte – aristocracia, famílias burguesas poderosas. O povo recebia educação informal, no geral analfabetos, quando muito possuíam os rudimentos da leitura e escrita, adquirindo experiências no convívio familiar, nas cerimônias festivas ou religiosas, mas sobretudo no trabalho desenvolvido no campo ou na cidade.

Essenciais para a educação do povo, as corporações de ofício tiveram papel de destaque pois formavam para vida profissional contribuindo com a sociedade.

Essas corporações se organizavam

[...] segundo princípios técnicos e ético-sociais que são assimilados não só pelo aprendizado, mas também pela participação na vida da corporação, o estudo de seus estatutos, o respeito às suas regras, que dizem respeito não apenas aos ‘segredos’ do ofício, como também aos comportamentos individuais e sociais a assumir. As corporações [...] exerceram [...] um papel educativo fundamental e ‘de massa’, especialmente nas cidades, emancipando o trabalhador de uma ética apenas religiosa e eclesiástica e marcando a sua mentalidade em sentido laico, técnico, racionalista (CAMBI, 1999, p. 175).

Dessa forma, os trabalhadores unidos a essas corporações asseguravam sua sobrevivência econômica e aprendiam maneiras de se comportar no trabalho e na sociedade, uma educação informal baseada no senso comum e nas relações de trabalho, diferentes das ensinadas pela igreja, porém necessárias para o desenvolvimento do modo pensar leigo e racional que se colocava para aquele novo período.

Opostamente à essa educação informal, a educação voltada aos reis e príncipes, aqueles que eram responsáveis pelo governo aparece de maneira formal, especialmente por meio de tratados educacionais. Esses tratados eram elaborados por eruditos humanistas com o objetivo de aconselhar o governante, visto que

consideravam existir relação próxima entre o bom governo e a educação do governante.

Erasmus escreveu alguns desses tratados dedicados aos príncipes, entre eles podemos destacar “A educação do Príncipe Cristão” (1516) que tinha como propósito a instrução de Carlos da Áustria, futuro imperador Carlos V, de quem era conselheiro. Neste tratado, o humanista “[...] procura, através dos seus ensinamentos, da sua doutrina, da sua moral, tornar o príncipe cristão virtuoso e justo, como ele entendia que os príncipes deviam ser”. (AMARAL, 1998, p. 228). Outros tratados escritos por Erasmo, que serão aprofundados no próximo capítulo, foram o “Tratado da Civilidade no Comportamento” ou “Sobre a Civilidade dos Costumes dos Meninos” de 1530, dedicado a uma criança de linhagem real, Henrique da Borgonha, filho do Príncipe de Veere, onde procurou ensinar regras de comportamento para aquele período e “*De Pueris*” (1529) no qual ensina sobre a educação desde a mais tenra idade.

A formação do homem, a valorização da razão humana, a preocupação com a moral e as virtudes, não apenas dos governantes, mas da sociedade foi um traço marcante do movimento humanista e do período renascentista. Por isso, passamos a tratar sobre algumas características da educação humanista que impactaram no começo da Modernidade e influenciaram o pensamento de Erasmo de Rotterdam.

3.3 A EDUCAÇÃO HUMANISTA

Como vimos, a civilização do Renascimento foi marcada por grandes transformações políticas, sociais, econômicas e culturais, ela própria, fruto dessas mutações. Dentro de sua esfera sociocultural, descobrimos que novas ideias sobre o homem, a razão e a natureza humana emergem e se fortalecem cada vez mais. A partir desta outra visão do mundo e da Humanidade, alguns indivíduos começaram a pensar na formação ideal desse novo homem, que deveria ter consciência de seu valor, de seu potencial criativo e da necessidade de se livrar do "obscurantismo intelectual" que, segundo eles, imperava até então. Coube aos estudiosos da Renascença - a maioria dos humanistas - formular esses ideais educacionais e mostrar os meios para alcançá-los. Para compreender melhor as transições ocorridas, voltemos um pouco para o final da Idade Média, quando surgiram no horizonte certas

mudanças que marcaram a Modernidade.

De acordo com Manacorda (2002), o corpo de conhecimentos que dominou a erudição desde a Antiguidade até por volta do século XIV era representado pelas chamadas sete artes liberais, divididas em *Trivium* - gramática, lógica e retórica - e *Quadrivium* - aritmética, geometria, música e astronomia²⁴. Essas disciplinas faziam parte de um plano de estudos de educação e a gramática e a retórica eram as disciplinas que mais se destacavam. Esses estudos eram apresentados nas escolas e universidades.

As universidades também tiveram papel essencial, visto que a partir delas o saber científico, o conhecimento se desenvolveu com maior liberdade, pois, seus estudiosos se preocupavam com o desenvolvimento da ciência. Por isso, apesar de estar sob a tutela da Igreja, a influência tanto política quanto cultural das universidades nesse período foi muito grande já que havia a necessidade de pessoas instruídas para pensar os projetos e desafios para as cidades que se desenvolviam. O ensino nas universidades continuava a privilegiar o ensino escolástico, com os embates entre seus temas circulando entre fé e razão, e, mesmo sofrendo pesadas críticas, se estabeleceu e vigorou por todo o Renascimento (BERNARDO, 2005).

No entanto, a universidade foi também o espaço onde surgiram os primeiros humanistas que puderam continuar seus estudos, mesmo em muitos aspectos contrários aos dos escolásticos. A partir do desenvolvimento desta instituição, que se tornou o mais importante centro de educação do Ocidente, os humanistas conquistaram reconhecimento e prestígio nas esferas intelectual e social e por isso até sonhavam com objetivo de mudar o sistema educacional, especialmente nos séculos XV e XVI.

A primeira mudança que podemos notar, já desde o aparecimento dos primeiros humanistas, é uma revalorização dos estudos clássicos literários – gramaticais e retóricos – que se encontravam em declínio desde o desenvolvimento das universidades e do escolasticismo, quando a dialética ocupou posição de destaque. Podemos perceber essa revalorização ao analisarmos o programa humanista de educação e cultura, que se concretizou a partir do século XV e ficou conhecido pelo nome de *studia humanitatis*. (BERNARDO, 2005, p. 33, grifo do autor).

²⁴ Para aprofundar o tema das sete artes liberais conferir MONGELLI, Lênia M. (coord.) **Trivium e Quadrivium: as artes liberais na Idade média**. Cotia: Íbis, 1999.

Este programa tinha como disciplinas a gramática, retórica, poesia, história e filosofia moral. Se comparado ao programa de estudos composto pelas sete artes liberais, percebemos que a gramática e a retórica assumiram posição principal, perdendo a ligação com a lógica e com as disciplinas do *Quadrivium*, mais matemáticas. A poesia e a história passaram a ser reconhecidas como independentes e a filosofia moral se integrou ao plano de estudos humanistas assim como se dedicaram ao tema da formação moral do homem. (BERNARDO, 2005; KRISTELLER, 1993). Ademais, todas essas disciplinas passaram a ter como base de estudo os autores clássicos gregos e latinos. Essa dimensão clássica mostrava um ideal humanista de cultura literária diferente daquela utilizada na Idade Média pelos gramáticos estilísticos medievais para o entendimento de uma verdade preestabelecida (MANACORDA, 2002).

Todo o empenho desses humanistas em recuperar autores clássicos permitiu um conhecimento mais significativo de autores latinos, bem como as traduções para o latim possibilitaram o conhecimento de textos gregos antigos, que, tratados em suas fontes históricas escritas, fizeram com que os humanistas suplantassem a forma usada pelos medievais, simplesmente estilística dessas fontes, pois, dessa forma indicavam a

[...] restauração linguística dos textos, sua interpretação não alegórica (como tinha feito a Idade Média), mas histórica, capaz de contextualizá-los e de colher seu significado mais genuíno, ligado ao seu tempo histórico. [...] Certamente que não se trata apenas de restaurar textos, mas também de fazê-los falar aos contemporâneos, de dialogar diretamente com eles, para nutrir-se de seu espírito cultural e para encontrar modelos (políticos, literários, filosóficos) a serem revividos na contemporaneidade. (CAMBI, 1999, p. 239).

Assim, mediante os esforços desses *studia*, recuperou-se a literatura clássica e o mundo clássico passou a servir de modelo para formar moral e intelectualmente o homem renascentista.

Os efeitos desse retorno para as ideias da Antiguidade foram enormes posto que isso significou outro modo de compreender a História: “[...] ela não mais foi entendida como uma sequência de épocas segundo o plano de Deus, ideia comum na Idade Média, mas colocou o indivíduo como construtor da história no centro das reflexões”. (SALZER, 2007, p. 79). Contudo, não podemos esquecer que a expansão do contato com clássicos, tanto gregos quanto latinos, foi motivado não apenas pela

curiosidade e desejo de conhecimento dos humanistas, mas também da possibilidade de difundir esse novo conhecimento de forma mais rápida e eficaz. A invenção do sistema de impressão com tipo móvel metálico (prensa), na primeira metade do século XV, levada a cabo por Johannes Gutenberg (1397-1468), revolucionou o processo de feitura de livros, anteriormente manuscritos, e permitiu a divulgação não apenas dos clássicos, mas também as obras dos mais importantes humanistas, que alcançaram várias edições.

Em geral, os humanistas ofereceram uma educação em que os aspectos literários e morais eram centrais e equilibrados. Em relação ao primeiro, pode-se dizer que teve como características a leitura e interpretação de autores clássicos, principalmente oradores e poetas, com o objetivo de adquirir conhecimento pleno das línguas consideradas cultas - latim e grego - domínio da arte de falar, bem como obter modelos úteis de estilo literário, pois não só se julgava necessário o conhecimento das coisas, mas também a capacidade de divulgar em uma escrita elegante e culta. Por isso, a questão das línguas clássicas era primordial para os humanistas; eles enfatizavam o aprendizado e o uso contínuo, não apenas pela gramática, mas também pela conversação. Lembremos que essa insistência tem a ver com as críticas que teciam sobre as universidades e aos escolásticos, principalmente, por dedicarem-se ao ensino formal do latim, sem contato direto com textos clássicos (CAMBI, 1999).

Em Francesco Petrarca (1304-1374) é possível encontrar um exemplo da busca por modelos de formação na Antiguidade. Chamado “pai do humanismo”, ao dedicar-se ao estudo dos tratados de Cícero, retomou o objetivo verdadeiro da educação, de acordo com esse orador romano, que seria “formar [...] o homem pleno de virtudes, que consegue, por meio dos estudos de filosofia e retórica, alcançar a sabedoria e a eloquência”. (BERNARDO, 2005, p. 34). Permanecendo em toda Europa esse ideal ciceroniano de formação do homem levou a questionar que tipo de ensino seria feito para realizá-lo. (SKINNER, 1996).

Outra característica da educação humanista foi a utilização dos textos literários da Antiguidade para retirar exemplos morais, o que ocorria por meio dos estudos da História de onde extraíam o conhecimento dos feitos da humanidade. Assim desenvolviam uma visão nova da história, mais apropriada para o contexto de mudanças. Desse modo, estudando o passado

Os homens poderiam refletir sobre as causas dos acontecimentos

positivos e negativos agindo para difundir-las ou evitá-las, dependo da situação. Além disso poderiam retirar exemplos de virtudes e de vícios para imitarem os primeiros e fugirem dos segundos. Essa crença no valor prático dos estudos históricos foi defendida pela maioria dos humanistas ao longo do período renascentista. (BERNARDO, 2005, p. 35).

Essas propostas de uso pedagógico dos clássicos não eram as únicas, no entanto eram centrais; os humanistas consideravam que os autores antigos deveriam se relacionar o máximo possível, não apenas com gramática, retórica e filosofia moral, mas com todos os outros campos que compreendiam o conhecimento da época - medicina, jurisprudência, filosofia natural e outros - bem como as questões da vida cotidiana. Para atingir esse nível de excelência intelectual, no entanto, que caracterizava seus ideais educacionais humanistas, certas condições eram necessárias.

Por parte dos alunos, era necessário um imenso desejo de conhecer, o que permitia que eles se concentrassem e participassem de seu aprendizado. Segundo os humanistas, essa vontade poderia ser estimulada, porque acreditavam que o homem era dotado da capacidade de aprender, pois, a razão o distinguia dos demais seres vivos. Sobre esse aspecto da educação, o humanista Erasmo de Rotterdam cita o exemplo da natureza animal, explicando que

[...] aos demais viventes a natureza confere agilidade, aptidão para voar, olhos aguçados, [...] escama, chifre, garra e veneno, mediante os quais eles defendem a própria incolumidade, bem como ficam aptos a proverem-se de alimentos e a nutrir os filhotes. Em contraposição, ela gera o ser humano flácido, nu e indefeso. Ao invés de todas aquelas propriedades, dota-o de mente capaz de aprender, incluindo tudo nesse único arsenal, posto que seja exercitado. (ROTTERDAM, 2008b, p. 31-32).

Compara também o instinto natural de algumas espécies que produzem, sem instrução, seu alimento como as abelhas, e as formigas que se preparam para o inverno com o homem que “[...] não come, não anda, nem trabalha a não ser quando ensinado”. (ROTTERDAM, 2008b, p.31-32). Ou seja, mesmo tendo sido criado frágil e indefeso, o homem poderia aprender e dominar a natureza desde que fosse instruído.

Dessarte, o ideal era que as crianças estivessem familiarizadas com o processo educacional desde cedo, a fim de aproveitar a curiosidade natural delas, os

professores poderiam desenvolver o gosto pelo aprendizado, a virtude e o conhecimento sólido, evitando maus hábitos.

Outras orientações feitas pelos educadores humanistas eram relativas à atenção que os pais e mestres deveriam dedicar a formação das crianças e jovens, pois os primeiros teriam papel de se preocupar e se empenhar com a educação dos filhos, ao passo que os mestres deveriam levar seus alunos à uma boa formação. Boa parte dessas e de outras recomendações eram encontradas não unicamente nos manuais pedagógicos, mas também nas ações dos pedagogos humanistas.

Alguns deles chegaram inclusive a abrir escolas – foi o caso de dois dos mais renomados mestres do Renascimento, os italianos Guarino Guarini (1374-1460) e Vittorino de Feltre (1378- 1446), cujas práticas, inspiradas pelos *studia humanitatis*, serviram de ponto de partida para algumas posteriores discussões sobre educação. Embora não tenham deixado documentos escritos específicos sobre suas concepções de formação ideal do homem, elas foram estudadas através de cartas e vários testemunhos da época. (BERNARDO, 2005, p. 36).

Estes educadores preocupavam-se, em suas escolas, com uma formação que pudesse desenvolver no homem capacidades intelectuais pela instrução com a leitura atenta dos autores antigos, a realização de exercícios para memorização e expressão dos conteúdos de forma culta e elegante. Priorizavam também uma formação literária baseada na retórica e na gramática. Além do cultivo da mente, estes humanistas primavam pelo ensino da educação do corpo, recomendando a prática das mais variadas atividades físicas.

Juntamente com esse curso clássico, eles ministram o ensino das ciências, de início principalmente as matemáticas, e no século XVI mais a astronomia e as ciências naturais, sobre concederem os mestres grande atenção à corrida, ao salto, à natação, à equitação, ao jogo da bola e ao manejo das armas. (NUNES, 1980, p. 28).

O ideal educativo aspirado por esses humanistas primava pela promoção plena da personalidade, a formação equilibrada do corpo e da alma pela educação intelectual, moral e física, o aprendizado intenso da letras greco-latinas, da gramática e da retórica. Um ideal tão completo de educação somente viria a se consolidar no século XVI, com o aparecimento do típico cortesão, pelo fato de se tratar de uma educação onerosa e que seria colocada em prática nos meios aristocráticos, como apresentado na obra “O Cortesão” (1528), de Baldassare Castiglione (1478-1529).

Além disso, a preocupação com a formação moral, que seria ensinada por meio das virtudes cristãs e práticas religiosas. A formação humanística convergia com os preceitos religiosos e éticos do cristianismo, indicando uma não ruptura com o pensamento religioso, apenas um retomar da vida humana que pela ação educativa buscava a superação dessas contradições.

Muitos humanistas, por sua formação e amplo conhecimento do que julgavam ser a essência da sabedoria prática, a história e a filosofia antiga, se dedicaram aos problemas comuns, ao pensamento social e político, alguns na função de conselheiros, secretários, embaixadores, outros se empenharam em “[...] produzir tratados educacionais bem sistematizados, detalhando ao máximo a espécie de formação nos *studia humanitatis* que deveria dar-se àqueles que mais tarde poderiam ocupar posição de destaque nos negócios de governo”, (SKINNER, 1996, p. 232), ou seja, a alta burguesia e a nobreza.

Erasmus de Rotterdam, um dos mais influentes humanistas da época marcou decisivamente os pensadores do seu tempo ao utilizar em seus tratados temas de formação que valorizavam a tradição, a cultura dos clássicos e o pensamento cristão, ao mesmo tempo que possuía marcas dos novos tempos e modos de pensar. Desse modo ao investigarmos o pensamento de Erasmo por meio de seus tratados poderemos compreender qual a proposta de uma educação ideal para a formação do homem do século XVI.

4 A RENOVAÇÃO PEDAGÓGICA HUMANISTA

A educação humanista, conforme apontado, buscou consolidar seus ideais desde o advento do Renascimento e do movimento Humanista, quando um outro conceito de Homem se tornou evidente. Um homem dinâmico, capaz de se colocar como um ser potencialmente agente de si próprio e sobre a natureza num período em que a civilização ocidental passava por outros processos no seu entendimento do Universo. Este período – Modernidade - que dá seus primeiros sinais, possui características substancialmente diferentes do anterior – Idade Média – em relação ao qual opera-se uma cesura que levará ao seu declínio e posteriormente à mudança de uma sociedade que valorizava a coletividade e negava o exercício da liberdade individual, dificultando intercâmbios ou mudanças sociais. Esta sociedade religiosa era também uma sociedade governada por uma autoridade política, religiosa e cultural, representada em grande medida pelo Imperador e pelo Papa, que eram os garantidores da ordem social e cultural e os intérpretes do cosmos, das questões divinas.

Ao findar os Quatrocentos, a redescoberta do valor autônomo do pensamento, o avanço para um novo campo de conhecimentos científicos, técnicos moldando-os para o bem do homem inaugura o romper da modernidade. Do mesmo modo, a educação sofreu profundas modificações em sua concepção bem como nos meios usados para conseguir a realização dos seus objetivos.

Primeiramente, ela começou a visar de modo claro e definido à formação integral do homem, o seu desenvolvimento intelectual, moral e físico, em contraste com a educação medieval que se esmerava na formação religiosa e intelectual. [...] Quanto aos meios usados nas escolas para o alcance dos seus novos objetivos, trataram os humanistas de publicar textos críticos das grandes obras da cultura clássica concernentes às letras, à filosofia e às ciências. [...] Os processos de ensino foram estimulados e impulsionados de modo notável pela invenção da imprensa que permitiu a disseminação dos livros, através do mundo, a preços módicos, ao mesmo tempo que levava à renovação dos processos didáticos. Ademais, os educadores humanistas fizeram questão de dar aos seus alunos educação física, ao lhes proporcionarem passeios, jogos, natação, equitação, exercícios corporais e o manejo das armas, para que assim a sua escola cumprisse a contento o antigo programa clássico condensado no adágio [...] a mente equilibrada num corpo sadio. Por fim, os educadores humanistas não esqueciam do objetivo moral e religioso da escola. (NUNES, 1980, p.41-42).

Os humanistas tiveram a preocupação de colocar o Homem no centro da educação, educando-o de acordo com a natureza humana, considerando a essência deste ser, para conseguir instruí-lo. Sua preocupação não se dava somente em relação ao resgate dos autores clássicos, admirados por abordarem de forma extraordinária a verdade sobre o homem e o mundo. Se importavam também em discorrer sobre o ser do homem, mais especificamente sobre sua educação. Por isso, desde o início do século XV e XVI, surgiram muitos livros dedicados aos objetivos da educação humanista, os quais insistiam que as pessoas se modificassem interiormente, “na reforma [...] da família, no papel da mãe como educadora, enquanto se atribuía ao Príncipe o dever de trabalhar em prol do bem comum dos cidadãos, e se reafirmava a autoridade da Igreja como o próprio fundamento da educação” (NUNES, 1980, p. 103). Deste modo, muitos humanistas fizeram seus próprios tratados pedagógicos, voltados para a necessidade de conceber o homem como tal em sua máxima dignidade, como é possível identificar em Leonardo Bruni (1370-1444)²⁵, Juan Luís Vives (1493-1540)²⁶, Eneas Silvio Piccolomini (1405-1464)²⁷. (GARCÍA, 2021).

Erasmus vivenciou esta tradição e dividiu com esses intelectuais a veneração pelo passado clássico, mas, fiel à sua própria história ampliou este pensamento e com a sua experiência pedagógica, intentou expor sua visão da educação pois os problemas educacionais eram “[...] prioritários para aquele que, no nosso século, quer servir a um renascimento do homem.” (ERASMO, 1991, p. 313). Motivado por seus admiradores, num contexto de embates sobre doutrinas e divisão religiosa, sentiu a necessidade de dar sua contribuição e propôs, no seu entendimento de que maneira deveria se dar a educação ideal daquela nova geração.

Para tanto, Erasmo se dedica a todas as etapas do desenvolvimento educacional, desde os primeiros anos de vida até a juventude, com a publicação em 1529, da obra *De pueris statim ac liberaliter instituendis*²⁸ (Da Educação Liberal das Crianças. Tradicionalmente designada sob o nome *De Pueris – Das Crianças*), é

²⁵ *De studiis et litteris*, escrita em 1420.

²⁶ *De Institutio feminae christiana*, escrita por volta de 1524.

²⁷ *De liberorum educatione*, escrito por volta de 1450.

²⁸ Para a análise dessa obra utilizaremos: Rotterdam, Erasmo de. *De Pueris*. 2. ed. Tradução, introdução e notas de Luiz Feracini. São Paulo: Escala, 2008a. E Roterdã, Erasmo de. *A importância da educação liberal para as crianças*. Trad. e notas de Willian Bottazzini Rezende. Campinas, SP: Kírión, 2020b. Devido a essa tradução, será utilizado o nome ROTERDÃ, com esse formato.

considerada uma obra pedagógica com grande influência na educação da Idade Moderna, na qual o humanista holandês sintetiza sua visão educativa adquirida ao longo de uma vida empenhada nas questões da aprendizagem, do ensino e na composição de escritos com objetivos educativos. Esta obra foi profusamente divulgada devido ao prestígio de seu autor e colocou as questões educativas como merecedoras de cuidados, estudos e planejamentos.

Outra obra educativa de Rotterdam, relevante para o período foi o *De civilitate morum puerilium*²⁹ (A Civilidade Pueril), publicada em 1530, que trata da educação das crianças para as boas maneiras. Este tratado pedagógico tornou-se um exemplar obrigatório em inúmeras escolas secundárias da Europa durante os séculos seguintes e fez Erasmo ainda mais conhecido por seus escritos educativos devido às suas múltiplas traduções.

As duas obras citadas acima constituem as pedras fundamentais do pensamento erasmiano e de suas concepções de educação e por sua importância serão estudadas mais detalhadamente no desenvolvimento do capítulo, na perspectiva de responder à questão norteadora desta pesquisa: quais são as reflexões que Erasmo propõe quando se refere à importância da educação para a formação da criança?

As concepções erasmianas de uma educação humanista ideal para educar as novas gerações, iniciando esse processo de formação desde a idade mais precoce da criança, ressignificaram a organização do ensino ao trazer para a sociedade europeia a proposta de uma educação voltada para os pequeninos. Ligado a este pensamento, Erasmo propõe um manual intitulado *De pueris statim ac liberaliter instituendis* (Da Educação Liberal das Crianças) escrito em 1509 e publicado somente em 1529. O texto foi dirigido a Konrad Heresbach (1490-1571), preceptor do Duque Guilherme de Trêves (1509-1590). Na carta dedicatória da obra, dirigida ao Duque, Erasmo explica que, Konrad, seu preceptor desde a infância, insistiu para que dedicasse a ele, Guilherme, um de seus trabalhos.

Konrad Heresbach, homem do mais elevado nível, a quem para o bem do Estado, aconteceu de ser o formador de sua infância [...] me descreveu nas suas cartas de tal forma sua índole, nascida tanto para a erudição quanto para a virtude [...], movido por um amor especial por Vossa Alteza [...] me instava com o maior ardor e por meio de muitos

²⁹ Para a análise dessa obra utilizaremos: Rotterdam. Erasmo de. A Civilidade Pueril. 2. ed. Tradução, introdução e notas de Luiz Feracini. São Paulo: Escala, 2008

argumentos para que com alguma obra literária não só estimulasse Vossa Alteza, [...] mas também para que desafiasse outros jovens ilustres pela linhagem à emulação de tão feliz exemplo. (ROTerdã, 2020b, p. 17-18).

García (2021) descreve que, ao dedicar uma obra, Erasmo às vezes procurava patrocinadores para as belas letras, em outros casos existia uma conexão entre o conteúdo da obra e o destinatário. Em *De Pueris* o destinatário explícito é o Duque, o destinatário moral e indiretamente é o preceptor do jovem príncipe, Konrad Heresbach. O Duque de Trèves era de família influente na cidade onde Erasmo se refugiou, Friburgo de Brisgóvia, e este pode ser um dos motivos da dedicatória, ou seja, a necessidade de se relacionar bem com esta sociedade. Outros fatores seriam o nascimento recente do primeiro filho de Guilherme e, portanto, o manual seria de grande utilidade, além do fato de seu preceptor ser discípulo e amigo de Erasmo e representava perfeitamente os ideais de um bom professor que seriam projetados na obra (GARCÍA, 2021).

O desejo do humanista era apresentar as suas hipóteses educacionais, o que ele considerava como educação ideal para aquele período por meio da sua interpretação das ideias pedagógicas de autores clássicos, patrísticos, medievais e contemporâneos a ele. Por isso, *De Pueris* deveria ser visto como um modo eficiente de transmitir seu legado e não somente como um exercício de retórica. Para atingir seu objetivo, procura usar poucas palavras para expressar ideias e conceitos. Seu desejo de ser sucinto e eficiente aparece na dedicatória:

Não me darei ao trabalho de recomendar a Vossa Alteza este opúsculo, a não ser pelo fato de ser inédito e integralmente de minha lavra, e [...] de ensinar como abordar muitas coisas com poucas palavras, pois a ninguém mais convém esse modo de expressar-se do que aos mais altos príncipes. (ROTerdã, 2020b, p. 20).

Todo seu empenho resultou em uma obra de valor literário, com estilo rico em exemplos, ideias pedagógicas concisas, com variedade de semelhanças e questionamentos, com os quais mostrou ao leitor sua capacidade de esclarecimentos morais utilizando-se para isso de argumentos e imagens para mostrar e demonstrar (GARCÍA, 2021).

No seu tratado pedagógico Erasmo aborda o tema da formação da criança para as virtudes e as letras, por meio de uma educação liberal, logo após o nascimento,

algo que era incomum para aquele período³⁰. Mesmo que sua visão fosse, ainda, aristocrática, o que era natural entre os Humanistas, tratar da educação infantil, converteu-o num dos pioneiros de uma nova visão educacional voltada para o cuidado das crianças.

Gostaria de fazer-te uma única advertência – atrevida, porém amorosa: não permitas que, seguindo quer o juízo, quer o exemplo do vulgo, os primeiros anos do teu filhinho transcorram sem nenhum dos frutos da instrução, para só então pô-lo a aprender o alfabeto quando não somente a idade for menos tratável, como também o temperamento mais propenso aos males e, quiçá, ocupado pelos espinheiros dos vícios mais tenazes. (ROTTERDÃ, 2020b, p. 24).

A ideia humanística que orientou a pedagogia de Erasmo era correspondente a uma educação que colocasse o educando no centro, uma consequência lógica e natural do pensamento humanista. Tratava-se de uma pedagogia humanista cristã: “[...] ela valorizava a tradição, a cultura clássica, o cristianismo, mas também era marcada pela chegada dos novos tempos e dos modos de pensar característicos a esses novos tempos”. (TOLEDO, 2004, p. 06).

Erasmo de Rotterdam se destaca no quadro de concepção cristã do humanismo, pois seus argumentos são embasados em um entendimento da natureza humana com predisposição ao bem e numa concepção do homem em sua totalidade, uma síntese do humanismo clássico, aprimorada pelas contribuições filosóficas e teológicas da tradição cristã. Jean-Claude Margolin, pesquisador da pedagogia e da filosofia presentes na obra *De Pueris*, interpela:

Qual é exatamente a ideia que Erasmo tem do homem? Aquela da tradição humanista, oriunda do pensamento latino-grego e da tradição judaico-cristã. O homem é uma criatura feita à imagem de Deus: deformado pelo pecado, mas salvo por Cristo. O homem é um ser racional, separado dos outros seres vivos pela sua capacidade de pensar. Ele pode colaborar na sua salvação pelo exercício da sua razão, que o instruirá sobre o mal a que não deve se deixar arrastar. (MARGOLIN, 2006, p. 371, tradução nossa).³¹

³⁰ O adjetivo “liberal” empregado nesta obra não deve ser tomado, em hipótese alguma, como sinônimo de “costumes frouxos”, “progressismo” ou “coisa relativa ao liberalismo econômico”, mas, sim, no sentido de “voltado para o aperfeiçoamento da inteligência e do senso moral e estético”. Também pode ser considerado “próximo de uma oposição à educação monástica (e Escolástica).” (TOLEDO, 2004, p. 07).

³¹ Quelle idée précisément Erasme se fait-il de l'homme ? Celle de la tradition humaniste, issue de la pensée latino-grecque et de la tradition judéo-chrétienne. L'homme est une créature faite à l'image de Dieu : sollicitée par le péché mais sauvée par le Christ. L'homme est un être raisonnable, que sa faculté

Por ser, o homem, este ser racional, e não um animal entregue aos seus instintos, ele é passível de ser instruído, de receber educação, uma vez que, “[...] a providência divina somente ao homem, entre todos os animais, atribuiu a faculdade da razão, deixou à instrução a parte mais importante” (ROTerdã, 2020, p. 28). A correta instrução permitiria o cultivo da razão, essencial para produzir a verdadeira humanidade. Margolin (1964) completa que é justamente na primeira infância que o aluno adquire a faculdade de aprender estando apto a ser ensinado por um mestre.

E o que é doutrina para o mestre que a ensina, torna-se a disciplina para o aluno que a aprende. A razão é assim o mediador entre o mestre e o aluno, pois constitui o elo inteligível e moral de todos os indivíduos. Adequada para assegurar ou assumir a função educativa, é também o fundamento de qualquer comunidade humana. (MARGOLIN, 1964, p. 372, tradução nossa).³²

Em sua pedagogia, Erasmo acreditava que a educação da criança deveria ser a primeira e a mais importante etapa na formação do homem e do cidadão, por ter como base uma concepção humanista elevada do ser humano e de suas capacidades. Sua confiança na educação é revelada ao considerá-la como condição para atingir a plena felicidade.

Como certa feita escreveu alguém com muito acerto: a instrução correta e educação legítima são o começo, o meio e o fim, isto é, a essência de toda a felicidade humana. Na verdade, com essa máxima, Demóstenes recomendou a *pronuntiatio* correta; certamente não o fez sem razão, mas a instrução correta é de longe mais importante para a sabedoria do que a *pronuntiatio* para a eloquência. Ora, a fonte de toda a virtude é uma educação diligente e virtuosa. Da mesma forma, o começo, o meio e o fim para a estupidez e a maldade são a instrução negligente e corrompida. (ROTerdã, 2020b, p. 28-29).

A educação enquanto caminho para a felicidade implica em um conhecimento profundo do ser do homem, uma compreensão de seus modos de conhecer, de suas capacidades, aptidões e uma filosofia moral. Por isso, “Erasmo aceita que todos os homens procuram a felicidade, embora nem todos sejam capazes de discernir os bens

de penser sépare des autres créatures vivantes. Il peut collaborer à son salut par l'exercice de sa raison qui l'instruira du mal où il ne doit pas se laisser entraîner (MARGOLIN, 2006, p. 371) (Texto Original).

³² Et ce qu'est la doctrine pour le maître qui l'enseigne, deviente la disciplina pour l'élève qui l'apprend. La raison est donc médiatrice entre le maître et l'élève, comme elle constitue le lien intelligible et moral de tous les individus. Propre à assurer ou à assumer la fonction éducative, elle est aussi le fondement de toute communauté humaine. (MARGOLIN, 2006, p. 371) (Texto Original)

maiores a que devem aspirar”. (GARCÍA, 2021, p. 414, tradução nossa)³³ bem como não são qualificados para enfrentar os desafios que se colocam para alcançar um objetivo que trará satisfação, porém exigirá muito esforço. Assim, ele confirma que o bem maior que o homem busca é o próprio Deus que se mostra atingível pelo acesso aos ensinamentos das Escrituras, dos Sacramentos e da Tradição. A competência para aprender, dádiva do ser humano, “[...] era vista por Erasmo também como dom da graça distribuído generosamente a todos; pela educação os homens são desafiados e estimulados a atingirem o padrão divino, que é o próprio Cristo”. (RODRIGUES, 2012, p. 318).

A proposta educativa presente em *De Pueris* considera que a educação é o meio pelo qual os indivíduos realizam a sua humanidade, uma vez que o homem não nasce completo, mas com uma natureza racional caracterizada pelo potencial de se desenvolver. “Árvores talvez nasçam, embora estéreis ou com fruto agreste. Cavalos nascem, embora inúteis. Mas os seres humanos, acredita em mim, não nascem, mas são forjados”. (ROTTERDAM, 2020b, p. 33). Sob essa premissa, é tarefa do processo educacional moldar os valores éticos e morais do indivíduo. A educação realiza essa potencialidade do homem como um ser essencialmente dotado de racionalidade. Assim, pela aprendizagem e experiência o homem pode alcançar a sua plenitude. (PINTO; JARDILINO, 2022).

Uma questão muito presente no pensamento erasmiano é a ideia de natureza. Para ele, a atividade intelectual é marcada pelo auxílio da natureza, da razão e do exercício: “entende-se por natureza algo comum em cada espécie tal como a do homem que consiste no uso da razão. A natureza implica também algo de peculiar e inerente no indivíduo” (ROTTERDAM, 2008b, p. 63). Para explicar sua concepção de natureza, Erasmo usa exemplos de indivíduos propensos a certas atividades, porém, completamente avessos a outro tipo de trabalho. Neste aspecto o humanista faz uma crítica à pedagogia medieval.

A ideia diretora do racionalismo escolástico de que a natureza espiritual do homem é una e imutável, levava, em matéria de educação, a contrassensos prejudiciais. Não se dava a atenção devida às diferenças individuais, o que foi, entretanto, uma das observações cardiais da pedagogia erasmiana. [...] Ora, a natureza [...] especial, [...]

³³ Erasmo acepta que todos los hombres buscan la felicidad, aunque no todos acierten en discernirlos bienes mayores a los que conviene aspirar (GARCÍA, 2021, p. 414) (Texto Original)

formada de tendências e idiossincrasias deve ser percebida pelo mestre para que a docência seja fecunda e proveitosa. (DOURADO, 1963, p. 52).

Não respeitar essa natureza individual é converter o ensino em uma experiência desagradável, forçando a criança a realizar tarefas para as quais não possui nenhuma inclinação natural. Assim, Erasmo eleva a educação ao primeiro plano: “a natureza é per si eficiente, no entanto, a educação, com sua eficácia mais avantajada, pode superá-la. (ROTTERDAM, 2008a, p. 32).

4.1 OS PAIS: PRIMEIROS RESPONSÁVEIS PELA EDUCAÇÃO

Ao defender que a criança deveria ser educada desde a mais tenra idade, pois ela estaria livre dos vícios e mais propícia a ser moldada, e não possuindo habilidades de se educar corretamente por si mesma, Erasmo deixa claro que os pais, sem dúvida, são aqueles que primeiro devem zelar para que seus filhos alcancem a felicidade e por isso devem ter maior vínculo com essa tarefa sagrada e mais bela de todas.

[...] o quanto a força da natureza, o quanto o amor, o quanto a lei divina, o quanto as constituições humanas querem que os pais se obriguem para com os filhos, pelos quais, na medida do possível fugimos da efemeridade e nos tornamos imortais. Todavia alguns tem para si que cumpriram muito bem a função de progenitores pelo simples fato de terem gerado uma vida, sendo que esta é a menor porção de dedicação que exige o título de pai. Para que sejas verdadeiramente pai, no sentido integral do termo, debes cuidar do teu filho, e dar uma atenção toda especial àquela área mediante a qual ele se sobrepõe aos animais e se aproxima da semelhança com a divindade. (ROTTERDÃ, 2020b, p. 26)

Na tradição pedagógica medieval, conforme explica o humanista, os pais não julgavam haver necessidade de se dar atenção à questão educativa formal, pois consideravam a infância frágil e delicada para receber as lições e a disciplina que ensino exigiria. E que não haveria rendimento naquela idade para justificar os gastos que isso implicaria. (ROTTERDAM, 2008a).

Em quase todas as classes sociais, a educação na virtude e na piedade cristã acontecia principalmente em casa. Como nem todas as crianças tinham a oportunidade de aprender as letras, o ensino de outras habilidades ou ofícios, que se

aprendia pela imitação, envolvia os pequenos nos assuntos familiares (GARCÍA, 2021). Erasmo, apesar de ter sido educado desde muito jovem em “[...] escolas municipais e em residências e escolas dos Irmãos da Vida em Comum havia sentido de perto o interesse e a responsabilidade que o seu pai e a sua mãe tinham demonstrado em cada um dos seus primeiros passos educativos”. (GARCÍA, 2021, p. 421, tradução nossa).³⁴

Outro ponto que merece destaque em relação à importância da família na educação dos filhos é o cuidado que os pais precisam ter com suas condutas, visto que servem como exemplos para seus filhos e nessa primeira fase da vida se educa pelos bons modelos a serem seguidos, pois “assim que nasce, a criança se encontra dócil para aquelas coisas que são próprias do ser humano” (ROTTERDÃ, 2020b, p.36). Daí, a importância de proporcionar à criança vivências que estimulem um comportamento virtuoso, pois nessa idade é possível formar nos bons costumes, comportamentos e ensinamentos de quem a rodeia. Deste modo, Erasmo explica que o direito de ser educado nasce no berço: “a natureza, quando te dá um filho, ela não te outorga nada além de uma massa informe. A ti cabe o dever de moldar até a perfeição [...] aquela matéria flexível e maleável”. (ROTTERDAM, 2008a, p. 40).

No pensamento erasmiano, os primeiros anos de vida são essenciais para a formação do indivíduo, pois na infância ainda não desenvolveu suas ideias, crenças, valores e hábitos. Ao contrário da ideia de educação e infância na Idade Média, em que a criança tinha de ser separada dos pais para não receber influências que impedissem o seu desenvolvimento natural, em Erasmo, neste período, os pais recebem um papel fundamental na educação de seus filhos e para isso são advertidos: “Se não lebares a cabo a tarefa, terás uma fera. Ao contrário, se lhe deres assistência, terás, diria eu, uma divindade” (ROTTERDAM, 2008a, p. 40).

Danelon, Oliveira e Richter (2012) consideram notável a ruptura de Erasmo com a longa tradição de silenciar a infância. Embora Erasmo continue a ver a criança sem necessidades especiais e peculiaridades, como na Idade Média, ele reconhece a necessidade de que a educação comece desde cedo e que a criança seja vista também como um ser do qual os pais não devem fugir da tarefa de educar. “Manuseia

³⁴ [...] escuelas municipales y en residencias y escuelas de los Hermanos de la Vida Común, pero había sentido de cerca el interés y responsabilidad que habían manifestado su padre y su madre en cada uno de sus primeros pasos educativos. (GARCÍA, 2021, p. 421) Texto Original.

a cera enquanto mole. Modela a argila enquanto úmida. Enche o vaso de bons licores enquanto novo. Tinge a lã quando sai nêvea do pisoeiro e ainda isenta de manchas”. (ROTTERDAM, 2008a, p. 40). Com estes exemplos, entendemos que o pensador holandês vê a criança como alguém que poderá desenvolver suas potencialidades “[...] pela interação com outros homens, os quais imbuídos do mecanismo da educação, mediam o processo de humanização da infância”. (DANELON; OLIVEIRA; RICHTER, 2012, p. 163).

Portanto, para aprender a se comportar racionalmente, necessita mais que qualquer outro ser de orientação, papel que Erasmo reivindica aos pais, os primeiros educadores de seus filhos.

Certamente, coisa trabalhosa é educar os filhos; admito-o. Porém, ninguém nasce para si mesmo e ninguém nasce para o ócio. Quiseste ser pai: é preciso que sejas um bom pai. Geraste filhos para o Estado, não só para ti; ou, para falar mais cristãmente, geraste filhos para Deus, não para ti. (ROTTERDÃ, 2020b, p. 37).

Os pais e a própria sociedade precisam estar atentos a essa tarefa. Em *De Pueris* fica claro que a educação é de inteira responsabilidade dos pais, que são os verdadeiros pedagogos, ou seja, aqueles que tem o dever de prover a seus filhos a verdadeira dignidade humana, conduzindo-o aos elevados níveis do bem e da virtude, pois, ao contrário, estariam sendo criminosos para com a pátria ao entregar a ela cidadão corrupto, bem como a Deus, de quem recebeu um filho para ser educado na piedade: “[...] donde se vê com clareza como não é irrelevante nem isolado o crime que cometem os que descuidam da educação da infância”. (ROTTERDÃ, 2020b, p. 39).

Em sua perspectiva humanista cristã, Erasmo entende que os pais cometem pecado ao permitir que seus filhos, ainda pequenos, tenham contato com todo tipo de vícios que podem afetar seu desenvolvimento antes mesmo de ter noção daquilo que é mal. Sobre este aspecto, Margolin (1968) explica que o fato dos pais não se preocuparem com a educação dos filhos é censurada pelo humanista.

Alimentado pelo misticismo dos Irmãos da Vida Comum, sensíveis, [...] à degradação das criaturas humanas causada pela indulgência ao vício e aos hábitos do pecado, Erasmo não está longe de ver na negligência ou no esquecimento dos deveres paternos, um dos sete pecados capitais: [...] a preguiça, ou seja, a preguiça de espírito, esquecimento dos deveres religiosos. (MARGOLIN, 1964, p. 379, tradução nossa).³⁵

³⁵ Nourri de la mystique des Frères de la Vie Commune, sensible comme Jérôme Bosch à la dégradation

Com seus exemplos e ações, os pais deveriam proteger as crianças do contato com impressões nocivas ao seu desenvolvimento, uma vez que desprovida dos vícios estaria apta a ser moldada pelo educador. E esta seria a outra importante obrigação dos pais, a escolha do pedagogo.

4.2 O PEDAGOGO: ELEMENTO PRIMORDIAL DA EDUCAÇÃO

O projeto educativo proposto por Erasmo tem como objetivo central a elevação das crianças à realização plena de sua natureza. O cultivo da razão, que é o que diferencia o homem dos outros animais, é a finalidade única da educação e fundamental para realizar sua humanidade. Para Erasmo, a essência da natureza humana estava na cultura adquirida no processo educacional. Por isso, no início de seu tratado faz uma importante advertência: “faze-me, pois, o favor de buscar um homem dotado de conduta ilibada e afável, bem como de notável ciência, a cujos cuidados confies o teu pequenino” [...]. (ROTTERDÃ, 2020b, p. 24). Percebe-se que o professor é chamado para ter o protagonismo na educação da criança, portanto, os pais deviam ter extremo cuidado em sua escolha. Neste ponto, o roterdamês tece duras críticas aos pais que buscam economizar financeiramente na educação dos filhos, gastando mais tempo e dinheiro com os cuidados dos cavalos do que com a educação dos filhos, preferindo contratar por valor menor o professor incapacitado. “Indivíduos há de caráter sórdido que detestam contratar preceptor idôneo. Pagam mais ao escudeiro do que ao educador do filho” (ROTTERDAM, 2008a, p. 58).

Entre suas recomendações está o cuidado em confiar o filho, com critérios, a um professor que deve ser devidamente selecionado, aceito de modo geral e examinado de variadas maneiras, para isso, os pais precisam estar atentos e vigilantes: “tenham sob os olhos tanto o preceptor como o filho. Nenhuma justificativa desobriga de tal preocupação.” (ROTTERDAM, 2008a, p. 61).

Erasmo mostrou de forma categórica a importância do professor e da sua

que font subir aux créatures humaines la complaisance au vice et les habitudes du péché, Erasme n'est pas loin de voir dans la négligence ou l'oubli des devoirs paternels, l'un des sept péchés capitaux: [...] la paresse, c'est-à-dire la paresse d'esprit, l'oubli de ses devoirs religieux. (MARGOLIN, 1964, p. 379) Texto Original.

escolha. Este deveria ser sábio e capaz de expor uma forma de ensino afetuoso e acessível, fomentando em seus alunos, pelo afeto e pela confiança o desejo do conhecimento.

O professor deve ser um especialista em passar dos princípios aos fins, e num processo formativo onde a importância da vontade da criança é capital para a aprendizagem das letras e para o seu aperfeiçoamento pessoal, o professor deve acompanhar com um olhar atento, capaz de oferecer ajuda e encorajamento a cada passo do aluno, e ao mesmo tempo, de o desafiar e estimular com uma variedade de recursos adequados à sua natureza. (GARCÍA, 2021, p. 422, tradução nossa).³⁶

Destarte, o professor é a peça principal na educação, visto que é aquele com o conhecimento mais atualizado dos princípios e responsável por orientar os alunos do início ao fim. Mais que um mestre, é ele quem atualiza as habilidades únicas dos alunos: “a ele cabe a tarefa de caracterizar as diferenças individuais dos sujeitos e em relação a elas seguir as modalidades de ensino mais oportunas”. (CAMBI, 1999, p. 255). Desta forma, o professor deveria ser capaz de descobrir as qualidades do aluno e levá-las em consideração ao abordar sua tarefa. A confiança mútua no relacionamento era uma exigência já que possuíam interesses comuns. Defendendo a valorização do professor pelo aluno, este acabaria apreciando tanto aquele que o ensina a amar o que aprendeu quanto o próprio aprendizado: “aprendemos, sim, com muito entusiasmo, daqueles aos quais amamos”. (ROTTERDAM, 2008a, p. 82).

Além da sabedoria, para Erasmo o professor precisaria ter, como característica humanista, dedicação às belas e sagradas letras e vocação para o ensino. E mais que o conhecimento precisaria também ser capaz de sensibilizar os alunos para a aprendizagem. Neste contexto, seria função do educador buscar os sinais que mostram a inclinação da criança o quanto antes “[...] pois aquilo que se aprende com maior facilidade é bom para o que a natureza predispõe”. (ROTTERDAM, 2008a, p. 64). Novamente se mostra perceptível o protagonismo do professor ao ser o artista que moldará:

³⁶ El maestro debe ser experto en pasar de los principios a los fines, y en un proceso formativo donde la importancia de la voluntad del niño es capital para que se produzca el aprendizaje de las letras y la mejora personal, el maestro debe acompañar con una mirada atenta, capaz de ofrecer ayuda e impulso en cada paso del discente, y al mismo tiempo, de retarle y estimularle con recursos variados y adecuados a su naturaleza (GARCÍA, 2021, p. 422) Texto Original.

De alguma forma a matéria maleável da mente da criança que lhe foi confiada; este mestre que assim se torna o seu segundo pai, não o seu pai natural, o seu pai de sangue, mas o seu pai espiritual, aquele que o faz aceder verdadeiramente ao estado [...] de homem. (MARGOLIN, 2006, p. 42, tradução nossa).³⁷

Em outras palavras, Margolin (1991) explica que, para Erasmo, dos três fatores que constituem a atividade humana – a natureza, a razão e o exercício - a razão, concretizada e movida pela ação do mestre, ou seja, a educação, é a única capaz de moldar a criança em um ser individualizado, único, com possibilidade de conquistar sua liberdade.

Erasmo defendia a relação entre professor e aluno, pois compreendia o ensino como a interlocução entre duas inteligências humanas, uma mais sofisticada e experiente, a outra dependente de receber o tesouro do conhecimento acumulado pela humanidade: “[...] efeito que resulta, em parte da doçura e da afabilidade do educador, e, em parte da perícia e dedicação no transmitir as diversas disciplinas de modo que o estudo vira alegria, aliviando a criança do clima de imposição onerosa.” (ROTTERDAM, 2008a, p. 82).

Denota-se que Erasmo apresenta um novo ideal de relacionamento pedagógico, um caminho solidário em que professor e aluno diminuem a distância que os separa. Esta proposta difere totalmente dos métodos descritos pelo humanista de castigos e humilhações empregados com frequência pelos professores do seu tempo, considerando sua própria experiência enquanto aluno no Colégio Montaigu. O método das punições era aplicado na educação tradicional “[...] que considerava o erro como algo condenável, que deveria ser punido com castigos físicos e vexatórios, expondo o indivíduo ao ridículo e servindo de exemplo aos demais”, (CAMPOS; BULGARELI; PERIN, 2020, p. 434).

Ele se coloca de maneira enfática e contrária à utilização de castigos físicos considerados como uma antipedagogia. Seu interesse ao tratar desse assunto e sobretudo sua aversão por ele, pode ter relação com seu amplo interesse sobre a educação da criança, além de estar ligado aos muitos casos de atos de crueldade de professores bem como de sua própria experiência educativa, onde Erasmo registrou momentos dolorosos de sua vida de estudante.

³⁷ en quelque sorte la matiere malleable de l'esprit du jeune enfant qui lui est confie; ce maitre qui devient de la sorte son second pere, non pas son pere naturel, son pere par le sang, mais son pere spirituel, celui qui le fait veritablement acceder a l'etat [...] d'homme. (MARGOLIN, 2006, p. 42). Texto Original.

Reconheço em mim mesmo tal ídole desde pequeno. O preceptor, para quem eu era preferido dentre os demais porque alimentava sei lá que sonhos de grandeza a meu respeito, mantinha-me sob vigilância cerrada. Por fim, resolveu testar minha capacidade para aturar castigo. Alegou então qualquer falta que nem por sombra cometera e bateu-me. Aquilo esvaziou todo o meu gosto pelos estudos, desmotivando de tal sorte meu entusiasmo pueril que pouco me faltou para vir a falecer de tanto penar. Em todo o caso, aquela amargura fez-me contrair a tal de febre quartã. (ROTTERDAM, 2008a, p. 86-87).

Para Erasmo, a forma mais dura de castigar, de alguns mestres, era mostrando que nada tinham para ensinar. Baseando-se em sua experiência, considerava que esses procedimentos eram usados apenas para humilhar os alunos que acabavam obrigados a se subordinar a uma resignação hipócrita: “a primeira tarefa do professor consiste em ser benquisto. A seguir, paulatinamente sobrevém, não o terror, mas o respeito liberal, que vale mais que o medo”. (ROTTERDAM, 2008a, p. 83). Esse respeito surge naturalmente na criança e aí se vê a “[...] importância da delicadeza do professor, que não deve queixar-se ou lamentar-se na educação, mas sim alegrar-se. Assim, o professor trabalha com o coração: com a doçura da linguagem e da ação.” (GARCÍA, 2021, p. 423, tradução nossa).³⁸

De certa forma, a base da pedagogia erasmiana é fundamentada no amor, na paciência, no ensino e no respeito ao aluno, assim os castigos são substituídos por uma educação descontraída e proveitosa, imitando o modelo divino de educar.

Ora, como é a disciplina do Senhor, compreendê-lo-á facilmente quem considerar com que suavidade, mansidão e caridade o senhor Jesus ensinou, suportou, acalentou e, pouco a pouco, fez que progredissem seus discípulos. (ROTTERDAM, 2020b, p. 74).

Desta maneira, o professor precisa trabalhar com amor, com a suavidade na linguagem e nas atitudes, dispondo de outros instrumentos mais respeitosos e eficazes no trato com o aluno do que a força, incentivando com elogios, recompensas e felicitações, amando e “[...] de algum modo fazendo-se criança a fim de granjear o amor da criança”. (ROTTERDAM, 2008a, p. 105). Precisa saber adequar e personalizar as tarefas, dosando as atividades de modo gradativo, como um bom pedagogo, com ajustes didáticos, utilizando-se de jogos e brincadeiras na maior parte

³⁸ La importancia de la suavidad del maestro, que no haya queja ni lamento en la educación sino alegría. Así el maestro obra con el corazón: con la suavidad del lenguaje y de la acción. (GARCIA, 2021, p. 423) Texto Original.

do tempo, para aos poucos propor desafios mais elevados aos pequenos. Ainda que pareça uma dificuldade aparente, a generosidade deve ocupar o centro do processo educativo, sem prejudicar outros recursos válidos, como o incentivo e a competição, “[...] que estimulam o aluno a superar-se, ao mesmo tempo que reforçam a concepção lúdica da educação e fazem do estudo algo prazeroso”. (URBANO, 2015, p. 94).

O que Erasmo pretendia no início do século XVI com este moderno projeto educativo, era uma educação que libertasse o homem por meio do desenvolvimento da razão, estimulasse a tendência natural do aluno para a aprendizagem espontânea e fizesse do professor o arquiteto deste processo. A singularidade que o humanista apresentou ao tratar da educação das crianças, foi fundamental para a formação do homem moderno, educado, racional e que está se moldando para a nova sociedade.

4.3 *DE CIVILITATE MORUM PUERILIUM*: A PEDAGOGIA DAS BOAS MANEIRAS

As concepções de educação e pedagogia presentes nas obras educativas de Erasmo de Rotterdam contribuíram de forma decisiva para os novos modos de ensino e as novas formas de aprendizagem característicos do limiar da Modernidade. Formar um novo homem para uma nova sociedade exigia uma educação ideal, preocupada com o cuidado das crianças, o que não era comum para aquele período, porém era o resultado coerente e natural do pensamento Humanista, que buscava o aperfeiçoamento humano, sobretudo por acreditar que, na infância o indivíduo estaria apto a receber os ensinamentos que o ajudariam a viver de acordo com as regras e valores estabelecidos pela sociedade.

De Civilitate Morum Puerilium – A Civilidade Pueril, publicada em 1530, destaca-se por fazer referência à educação dos comportamentos externos dos indivíduos, nesse caso, as crianças. Erasmo dedicou a obra a uma criança de linhagem real, Henrique de Borgonha – teria onze anos – era filho de Adolfo de Borgonha, marquês de Veere, que por sua vez era filho de Ana de Borselen, a quem o humanista pediu ajuda nos anos que esteve em Paris (GARCÍA, 2021). Mesmo que tenha sido dedicado a um membro da nobreza, seu tratado não tinha a intenção de se comunicar somente com essa categoria social, ao contrário, ele desejava que o que

estava a ensinar “[...] embora de exígua utilidade, [...] filho que és de príncipes e fadado ao poder, será acolhido mais prazerosamente, por todos os outros meninos bem porque dedicado a uma criança de classe tão alta e de grande futuro”. (ROTTERDAM, 2008a, p. 143). No seu entendimento as crianças menos favorecidas se sentiriam estimuladas ao verem que estavam estudando e praticando os mesmos conteúdos que os filhos dos nobres, considerando fundamental que todos pudessem ter acesso aos conselhos ali expressos, em relação ao cuidado com os gestos, atitude, postura, mostrando assim uma preocupação com o homem em sua totalidade.

O ensino das belas letras e da moralidade, no pensamento humanista de Erasmo, deveria ser acompanhado da educação comportamental na intenção de que o indivíduo, pelo controle de seu modo de agir, refletisse em sua aparência, o modelo de racionalidade que ele havia proposto em *De Pueris*. Dessa forma entende-se que, para Erasmo, a primazia da razão humana poderia ser averiguada pelas ações dos indivíduos, já que o comportamento constituiria uma espécie de espelho que refletiria o homem moderno em construção (PISANI, 2016; TOLEDO, 2004).

Na apresentação de seu tratado, Erasmo retoma as finalidades da educação da criança e reforça que se dedicará à última delas:

A primeira e principal consiste em fazer com que o espírito ainda tenro receba as sementes da piedade; a segunda que tome amor pelas belas artes e aprenda bem; a terceira, que seja iniciada nos deveres da vida; a quarta, que se habitue, desde cedo, com as regras da civilidade. (ROTTERDAM, 2008a, p. 143-144).

Pensando em adequar o comportamento das crianças de forma que pudessem estar preparadas para conviver na era moderna, com capacidade de controlar seu comportamento, Erasmo se ocupa em redigir o manual de boas maneiras, pois das outras fases, outros intelectuais já haviam se ocupado, inclusive ele. Ao tratar de instruir sobre a “[...] necessidade de controlar os seus impulsos primitivos, revelado muitas vezes por meio de olhares, das expressões corporais, das maneiras de se portar à mesa [...] e nos templos religiosos” (PINTO; JARDILINO, 2022, p. 193), estava auxiliando na construção da civilidade, ainda que a considerasse a parte mais comum da Filosofia, por tratar mais especificamente dos modos de se comportar, não podia ser desconsiderada para ser aceito na sociedade.

A Civilidade Pueril, representa, dessa maneira, um elemento importante do que

Norbert Elias³⁹ (1897-1990) chamou de Processo Civilizador. Elias (1994), afirma que o conceito de *civilité* obteve importância num contexto em que a unidade da Igreja Católica e a sociedade feudal estavam desmoronando, ao mesmo tempo em que a personificação de uma outra sociedade, uma nova aristocracia se formava legitimando a burguesia e as monarquias nacionais.

O conceito de *civilité*, também, constitui expressão e símbolo de uma formação social que enfeixava as mais variadas nacionalidades, na qual, como na Igreja, uma língua comum é falada, inicialmente o italiano e, em seguida, cada vez mais, o francês. Essas línguas assumem a função antes desempenhada pelo latim. Traduzem a unidade da Europa e, simultaneamente, a nova formação social que lhe fornece a espinha dorsal, a sociedade de corte. A situação, a autoimagem e as características dessa sociedade encontram expressão no conceito de *civilité*. (ELIAS, 1994, p. 67).

Este conceito adquiriu traços e funções específicas, para Elias (1994), em meados do século XVI, tendo seu início marcado com exatidão e importância atribuída pela sociedade, quando Erasmo publicou seu pequeno tratado em 1530. O conteúdo se apresentava pronto para a discussão, tanto que a obra passou por consecutivas edições, reedições, traduções, imitações e sequências. Por meio do tratado, o humanista atribuiu maior clareza a forma muito antiga e usual, *civilitas*.

Intencionalmente ou não, ele obviamente expressou na palavra algo que atendia a uma necessidade social da época. O conceito *civilitas*, daí em diante, ficou gravado na consciência do povo com o sentido especial que recebeu no tratado de Erasmo (ELIAS, 1994, p. 68).

Ainda de acordo com o autor, o surgimento de palavras em diferentes línguas (*civilité*, *civility*, *civilitá*, *zivilität*) revela modificações no cotidiano dos povos, “[...] sobretudo quando os novos conceitos estão destinados a se tornarem fundamentais e de longa duração como esses”. (ELIAS, 1994, p. 68). A importância singular da obra de Erasmo reside no fato de que expressa um indício de mudança, a cristalização dos

³⁹ Norbert Elias foi um dos sociólogos mais importantes da contemporaneidade. Alemão, de Breslau (1897 – 1990) e de família judaica, precisou - quando Hitler se tornou chanceler da Alemanha - fugir e exilar-se na França em 1933, estabelecendo-se posteriormente na Inglaterra onde passou grande parte de sua vida. Infelizmente, seus trabalhos só tiveram reconhecimento muito tardiamente (apenas após a sua morte). As obras de Elias destacaram-se por tratar da relação entre poder, comportamento, emoção e educação, abarcando conhecimento sociológico, psicológico, antropológico e histórico. Suas principais obras são “O processo civilizador” e “A sociedade dos indivíduos”, onde ele define sua nova forma de compreender a relação entre os indivíduos e a sociedade.

modos de vida da sociedade europeia, refletindo o conceito expresso no título – civilidade. O livreto trata da conduta das pessoas na sociedade, porém com maior ênfase, oferece orientações sobre o comportamento e o cuidado corporal externo, e Erasmo explica que “[...] embora sejam as corretas atitudes do corpo espontâneas numa índole boa, não raro ocorre constatar que, por falta de disciplina, elas ficam a desejar em certos indivíduos honestos e eruditos”. (ROTTERDAM, 2008a, p. 144). Embora, pareçam observações simples, possuem uma linguagem clara, precisa, refinada, forte e com um caráter pessoal que distinguem Erasmo de seus sucessores.

Examinando-o mais detidamente, percebemos por trás dele um mundo e um estilo de vida que, em muitos aspectos, para sermos exatos, assemelha-se muito ao nosso, embora seja ainda bem remota em outros. O tratado fala de atitudes que perdemos, que alguns de nós chamaríamos talvez de ‘bárbaras’ ou ‘incivilizadas’. Fala de muitas coisas que desde então se tornaram impúblicáveis e de muitas outras que hoje são aceitas como naturais. (ELIAS, 1994, p. 69).

Erasmo fala, por exemplo, das atitudes corretas e incorretas em relação ao olhar, orientando que os olhos revelam a índole da criança e para que ela seja confiável “[...] convém que o olhar seja plácido, respeitoso e circunspecto. [...] olhar ameaçador é sinal de violência, [...], olho perverso traduz maldade [...] olhos penetrantes [...] irascibilidade, olhos vivos [...] lascívia.” (ROTTERDAM, 2008a, p. 145). Esses esclarecimentos pretendiam ensinar, embora mostrem que possuía uma capacidade rigorosa e viva de observação. Ele explica que certas formas de olhar são específicas de cada natureza pessoal, no entanto,

[...] qualquer postura feia deforma não só os próprios olhos senão ainda toda a aparência física e a beleza do porte. Ao invés, os movimentos espontâneos e comedidos imprimem graça e, se não cancelam os defeitos, pelo menos podem ocultar e até atenuá-los. (ROTTERDAM, 2008a, p. 145).

Percebe-se que o humanista, além de sua capacidade observadora, e devido a formação que recebeu ao longo de sua vida, entende que os modos de agir evidenciam que essas atitudes podem e devem ser apreendidas por qualquer indivíduo, pois sabe que “[...] se a nobreza é originada pelo nascimento, os hábitos corteses devem ser aprendidos”. (TOLEDO, 2004, p. 98), e esses hábitos deveriam incorporar o conjunto de características do homem e assim, o cuidado externo dos

comportamentos, manifestaria aquilo que cada um é no seu interior, sendo considerado nobre todo indivíduo que instrui seu espírito colocando em prática os conhecimentos que adquiriu. (TOLEDO, 2004; ROTTERDAM, 2008).

Partindo da ideia de que a nobreza não pertencia somente a quem herdava brasões, mas também àqueles que cultivavam o “espírito com a prática das belas artes” (ROTTERDAM, 2008a, p. 144), Erasmo recomendava que se usasse de compostura e polidez para se adaptar às exigências de diferentes lugares, costumes e circunstâncias. Para isso recomendava que não se deveria ficar com o nariz sujo, ou mesmo limpá-lo nas roupas ou com as mãos, para isso deveria se usar o lenço; do mesmo modo para espirrar se deveria virar para o lado. Abordou a temática em relação às expressões da face, o riso, os lábios, o cabelo, os braços, as pernas, deixando claro a todo instante que, “[...] tudo se permite aos nobres, mas, aqui, estamos a educar uma criança” (ROTTERDAM, 2008a, p. 149). O humanista mostrava com essas palavras que as boas maneiras deveriam ser ensinadas e apreendidas desde cedo, para que esses hábitos fossem aplicados em todas as ocasiões, garantindo que o indivíduo fosse bem acolhido em qualquer situação: “se soubesse adaptar seu caráter e suas maneiras, o plebeu poderia se colocar ao nível dos mais privilegiados”. (URBANO, 2015, p. 97).⁴⁰

Posteriormente, Erasmo relembra a necessidade de esconder as partes do corpo às quais a natureza atribuiu vergonha, pois é assim que devem agir aqueles que possuem comportamento refinado. Havendo a necessidade que seja feito com decoro, da mesma maneira, não permitindo que outros toquem essas partes. Essa atitude mostra o respeito que se deve ter com próprio corpo (ROTTERDAM, 2008).

A educação para a piedade infantil é aprofundada com a prescrição de como se portar na igreja. Ensinava a fazer reverência sempre que passasse por lugares sagrados e que se mantivesse ponderado ao participar das celebrações religiosas: “quando está sendo celebrada a Eucaristia, manifesta recolhimento em toda a tua postura. Pensa, então, que Cristo está ali, presente. Ele e incontáveis legiões de anjos”. (ROTTERDAM, 2008a, p. 161). De igual maneira, sugeria que a atenção estivesse voltada para as palavras do pregador, pois, “não é a um simples homem que escutas e, sim, ao próprio Deus que te fala pela boca de um homem”. (ROTTERDAM, 2008a, p. 162). E conclui de modo impecável: “[...] é inútil ir a uma igreja, se dali não

⁴⁰ [...] si sabía adaptar su carácter y sus modales, el plebeyo podía equipararse con los más privilegiados. (URBANO, 2015, p. 97) Texto Original

saíres melhor e mais puro”. (ROTTERDAM, 2008a, p. 162). Essas recomendações aprofundam a visão cristã da vida social, revelam a proximidade de Erasmo com as tradições religiosas da Igreja Católica e seu importante papel para a formação do homem ao se propor ensinar como praticar as virtudes aos pequeninos.

Urbano (2015) explica que a civilidade contribuiu para a observação de outras qualidades morais do indivíduo. Por isso, o holandês agregou marcas de respeito e perfeição moral que precisam ser consideradas:

O máximo da civilidade se expressa no fato de que, mesmo quando alguém seja de todo repreensível, deve saber perdoar de bom grado a quantos erram nessa matéria. Em consequência, há de mostrar-se não menos simpático para aquele companheiro de comportamento mais grosseiro. Indivíduos há que compensam, com outras qualidades boas, a rudeza de certos costumes. Ademais, as regras que temos ensinado não são lá de tão estrita necessidade que sem elas alguém deixaria de ser educado. Em todo caso, se o companheiro tropeçar nessas regras por inadvertência, seja cortesmente advertido, posto que valha a pena, mas em separado e com brandura. (ROTTERDAM, 2008a, p. 186).

Verifica-se nesta construção, que, para Erasmo, as ações dos homens mostram a prevalência ou não da razão. Para ele, as boas atitudes não poderiam ficar restritas às relações dos indivíduos entre si ou com Deus, o que significa que a civilidade, os bons modos também deveriam fazer parte das características humanas.

A maior preocupação de Erasmo, como se observa em seu tratado, era educar as crianças para que aprendessem a adequar seus modos de agir estando assim preparadas para conviver na sociedade. Para ele era necessário o controle dos impulsos primitivos sempre com o desejo de mostrar mais urbanidade e polidez para com os demais. Segundo Elias (1994), “a sociedade estava em transição. O mesmo acontecia com as maneiras”. (ELIAS, 1994, p. 93). E mesmo no início da Era Moderna, com os hábitos da nobreza europeia ainda muito parecidos com os costumes medievais, aos poucos as boas maneiras indicadas por Erasmo, parte de sua própria formação, foram interiorizadas, tornando-se hábito.

A *Civilidade Pueril* foi uma obra de muita relevância para a cultura ocidental moderna e Erasmo foi o intelectual que expressou o ideal educativo humanista de formar o homem moderno, civilizado, preparado para viver na nova sociedade que alvorecia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar a presente pesquisa, relembramos que o referencial teórico adotado foram as obras de Erasmo *De Pueris e Civildade Pueril*, que constituem as pedras fundamentais do pensamento erasmiano e de suas concepções de educação.

A obra *De pueris statim ac liberaliter instituendis*, publicada em 1529, traduzida como “Da Educação Liberal das Crianças”, e tradicionalmente designada sob o nome *De Pueris – Das Crianças*, é considerada uma obra pedagógica com grande influência na educação da Idade Moderna, na qual o humanista holandês colocou as questões educativas como merecedoras de cuidados, estudos e planejamentos.

Outra obra de Rotterdam analisada foi *De civilitate morum puerilium* (A Civildade Pueril), publicada em 1530, que trata da educação das crianças para as boas maneiras. Esta obra pedagógica marca os novos modos de se comportar para os indivíduos que desejavam viver de modo civilizado, na sociedade da corte.

Assim, movidos pelo objetivo de investigar a concepção pedagógica presente na proposta educacional de Erasmo de Rotterdam, nos aprofundamos nos estudos das obras de Erasmo de Rotterdam acima citadas e propomos algumas reflexões a respeito das concepções de educação presentes nesses escritos.

Para tanto, retomamos as indagações iniciais, em busca de respostas após o aprofundamento dos estudos, as quais sejam: quais são as reflexões que Erasmo propõe quando se refere à importância da educação para a formação da criança? Quais conceitos de autoridade e responsabilidade educacional no século XVI defendidos por Erasmo ainda são válidos no cenário educacional atual?

A ideia humanística presente em ambas as obras e que orientou a pedagogia erasmiana era a de que o educando seria o centro da educação escolar. Observamos que essa proposta educativa diverge das ideias da filosofia escolástica presente na época, cujo rigor contrastava com os fundamentos defendidos pelo filósofo de que o ensino deveria se espelhar no modelo divino de educar, em que o educador deveria corrigir o educando sem violência.

Erasmo entendia que a influência da educação na formação do ser humano o fazia evoluir e se diferenciar dos animais, preparando-o para a vida familiar e social e aproximando-o da figura de Deus. Portanto, Erasmo não relegava a fé cristã, mas a trazia à uma nova filosofia, condizente com a nova sociedade moderna que emergia.

Em suas obras, Erasmo destacava a importância dos pais na educação dos filhos e a necessidade de que a criança fosse educada desde a mais tenra idade. O filósofo ponderava que o abandono intelectual era um grande crime cometido pelos pais, e destacava ainda a importância das mães no desenvolvimento da linguagem infantil pois, segundo ele, aprender a falar é também aprender a pensar.

Além de destacar a importância da educação para a formação do homem, Erasmo ainda trouxe em seus ensinamentos uma nova pedagogia, em que a relação entre o educador e o educando fosse de respeito mútuo, e que propunha um ensino baseado no método, na natureza e no exercício, algo inédito para a época.

Na obra *A Civilidade Pueril*, Erasmo traz um manual de boas maneiras com o objetivo de moldar o comportamento dos indivíduos, pois, para ele, o controle dos impulsos primitivos era uma forma de demonstrar civilidade e educação.

Datada de mais de cinco séculos do nosso tempo atual, poderíamos questionar: o que um manual de ensino e boas maneiras do século XVI pode nos ensinar? Quais são as reflexões que Erasmo propõe aos homens do seu tempo quando se refere a civilidade na formação da criança? A resposta está na necessidade que o homem tem da formação humana, haja vista que a civilidade deve ser ensinada e logo apreendida em qualquer período histórico, seja no passado, no presente ou no futuro.

Nesse sentido, investigamos a necessidade de uma nova proposta de educação para uma sociedade em grandes transformações sociais, políticas, econômicas e educacionais, que necessitava do aperfeiçoamento das relações humanas por meio das virtudes e da ética para a convivência social.

Erasmo de Rotterdam compreendia a importância da educação para a formação do homem para o mundo moderno que se acercava e, assim, foi precursor de novas ideias em relação à pedagogia, ao método e às relações professor-aluno precursoras da educação atual.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Diogo Freitas do. **História das ideias políticas**. v. 1, Coimbra: Livraria Almedina, 1998.

ALESSIO, Franco. Escolástica. In: LE GOFF, Jacques; SCHIMITT, Jean-Claude (Coord). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. v. 1. Coord. Trad. Hilário Franco Júnior. Bauru: EDUSC; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

AUGUSTIJN, Cornélius. **Erasmus de Rotterdam, Vida y Obra**. Traducción castellana Octavi Pelissa. Barcelona: Editorial Crítica, 1990.

BARROS, J. D. O humanismo e suas origens pré-renascentistas. **Historiæ**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 250–260, 2021. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/11876>. Acesso em: 30 set. 2022.

BEAUDUIN, Edouard. **Memórias de Erasmo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991

BERNARDO, Débora G. **Juan Luiz Vives (1492-1540) e os ideais humanistas de educação na aurora da modernidade**. 2005. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2005.

BURCKHARDT, Jacob. **A cultura do Renascimento na Itália**. Trad. Vera Lucia de Oliveira Sarmiento e Fernando de Azevedo Correa. Brasília: Editora da UnB, 1991.

BURKE, Peter. **O Renascimento italiano: cultura e sociedade na Itália**. Trad. Jose Rubens Siqueira. Sao Paulo: Nova Alexandria, 1999.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

CAMPOS, Tatiane; BULGARELI, Paulo; PERIN, Conceição. A influência do pensamento de Erasmo de Roterdã na educação das crianças dos séculos XV-XVI. **Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar**, Mossoró, v. 6, n. 17, 2020.

CANAVARRO, António A. Rodrigues. O discernimento espiritual na Imitação de Cristo. In: **Humanística e teologia**, Braga; Lisboa; Porto; Viseu, tomo XII, fasc. 1., p. 55-90, 1991.

CIORDIA, Javier V. **Volver al Humanismo: una necesidad urgente de la Cultura posmoderna**. En Discursos Acadêmicos: Civilitas, Madri, 2020.

CUNHA, Eliel Silveira; FLORIDO, Janice. **Grandes filósofos Biografias e Obras**. São Paulo: Nova Cultural, 2005.

DANELON, M.; OLIVEIRA, M. A. G.; RICHTER, S. R. Infância e educação em De Pueris de Erasmo de Rotterdam. **Olhar de Professor**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 157–165, 2012. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/3359>. Acesso em: 20

maio. 2023.

DELUMEAU, Jean. **A civilização do renascimento**. Lisboa: Estampa, 1994. v. 1.

DOLAN, John P. **A Filosofia de Erasmo de Rotterdam**. Trad. Fernanda Monteiro dos Santos. São Paulo: Madras, 2004.

DOURADO, Mecnas. **Erasmo e a Revolução Humanista**. Trad. Julio Dantas. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1963.

DRESDEN, Sem. **O Humanismo no Renascimento**. Trad. Daniel Goncalves. Porto/Lisboa: Inova/Portugal, 1968.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Trad. R. Jungman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FERACINE, Luiz. **Coleção Pensamento e Vida: Erasmo de Rotterdam: o mais Eminente Filósofo da Renascença**. São Paulo, Escala, 2011

GARCIA, Arturo Torres. **Erasmo: Pedagogo, Humanista, Renovador e Impulsor de la Educación Moderna**. Tese (Programa de Doctorado en Educación). 2021. UNED, España. 2021.

GARIN, Eugenio. **O Homem Renascentista**. Trad. Maria Jorge V. Figueiredo. Lisboa: 1991.

HELLER, Agnes. **O homem do Renascimento**. Trad: Conceição Jardim; Eduardo Nogueira. Lisboa: Editorial Presença, 1982.

HUIZINGA, Johan. **Erasmo**. Versión espanhola Cristina Horanyi. Barcelona: Salvat Editores, 1987.

KRISTELLER, Paul Oskar. **El pensamiento renacentista y sus fuentes**. 2.ed. Trad. Federico P. Lopez. Madrid: Fondo de Cultura Economica, 1993.

LE GOFF, J. **Dicionário Analítico do Ocidente Medieval**, v. 02. Trad. Coord. Hilário Franco Júnior. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

_____. **O Homem Medieval**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

_____. **Os intelectuais na Idade Média**. Trad. Marcos de Castro. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

LEONE, Caio A. **Concordemos em discordar: a relação entre tolerância, concórdia e dúvida em Erasmo de Roterdã (1524-1527)**. 2020. 161 f. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2020.

LOYN, Henry R. (Org.). **Dicionário da Idade Média**. Trad: Álvaro Cabral. Rev.Téc.: Hilário Franco Júnior. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

MAINKA, Peter Johann (Org.). **A caminho do mundo moderno**. 1. ed. Maringá: EDUEM, 2007.

MARGOLIN, J. La Notion De Dignité Humaine Selon Erasme de Rotterdam. **Studies in Church History Subsidia**, n. 8, p. 37-56, 2006.

MARGOLIN, J. Pedagogie et Philosophie Dans le « De Pueris Instituendis » D'erasme, **Paedagogica Historica**, v. 4, n. 2, p. 370-391, 1964.

MONGELLI, Lênia M. (coord.) **Trivium e Quadrivium: as artes liberais na Idade média**. Cotia: Íbis, 1999.

NUNES, Rui Afonso da Costa. **História da Educação no Renascimento**. São Paulo: EPU, 1980.

PINTO, Marcelo F. M.; JARDILINO, José R. L. A educação no alvorecer da modernidade: “o projeto pedagógico” de Erasmo de Rotterdam. **Revista Imagens da Educação**, v. 12, n. 2, p. 182-199, abr./jun. 2022.

PISANI, Ana Luisa **Os olhos ubíquos do espelho: um estudo das percepções de civilidade na obra “A Civilidade Pueril” (1530), de Erasmo de Rotterdam**. 2016. 136 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

REALE, Giovane. **História da Filosofia: do humanismo a Descartes**, v. 3. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2004.

RODRIGUES, Rui L. **Entre o dito e o maldito: Humanismo erasmiano, ortodoxia e heresia nos processos de confessionalização do Ocidente, 1530-1685**. 2012. 614 f. Tese (Doutorado História Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

ROTTERDÃ, Erasmo de. **A importância da educação liberal para as crianças**. Trad. e notas de Willian Bottazzini Rezende. Campinas, SP: Kíron, 2020.

ROTTERDAM, Erasmo. **A Civilidade Pueril**. 2. ed. Trad. Luiz Feracini. São Paulo: Escala, 2008.

_____. **De Pueris**. 2. ed. Trad. Luiz Feracini. São Paulo: Escala, 2008a.

_____. **Elogio da Loucura**. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SALZER, Georg. O Humanismo na Europa Central (1450-1536/50): um resumo. In: Mainka, Peter Johann (Org.): **A caminho do mundo moderno**. Maringá: EDUEM, 2007.

SIEPIERSKI, Paulo Donizéti. Erasmo botou o ovo que Lutero chocou: a contribuição da obra literária de Erasmo de Roterdã ao início da Reforma Protestante. **Plura Revista de Estudos de Religião**, v. 7, n. 1, 2016. p. 268-291.

SILVA, Josie Agatha Parrilha da . **Arte e ciência no Renascimento: discussões e possibilidades de reaproximação a partir do Codex entre Galileo e Cigoli no século XVII**. 2013. 505 f. Tese (Doutorado em Educação para a Ciência e a Matemática) –Universidade Estadual de Maringá, Paraná, 2013.

SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

TOLEDO, Cesar de Alencar Arnaut de. Erasmo de Roterdã (1466/69-1536): Política como questão de educação. In: MAINKA, Peter J. (Org.): **A caminho do mundo moderno**. Maringá: EDUEM, 2007. p.107-121.

_____. Erasmo, o humanismo e a Educação. **Revista Linhas**, v. 5, n. 1, 2004.

_____. Sobre o Enchiridion Militis Christiani, de Erasmo de Roterdão. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 26, n. 1, p. 95-101, 2004.

URBANO, Francisco Castilla. **Erasmo. Una crítica feroz a la ignorancia y el fanatismo, las causas de todos los conflictos**. Editor: RBA Coleccionables S.A.: 2015 , España.

ZWEIG, Stefan. **Erasmo de Rotterdam Triunfo y Tragedia**. Espanha: Greenbooks Editore, 2016.